

ENSINAMENTOS DE RAHOTEP

ÂNGELO BREA



ENSINAMENTOS DE RAHOTEP

Este livro venceu no I Prémio a Trabalhos de Criação Literária da Cátedra Carvalho Calero da Universidade de Santiago de Compostela, em 2025

1ª edição, setembro 2026

© Ângelo Brea

© AGAL

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-15-1

DL: C 1685-2026

Coordenação editorial: Valentim R. Fagim
Revisão linguística: Valentim R. Fagim e Paulo Soriano
Diagramação: Miguel Durão
Capa: Charo Lopes e Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

ÍNDICE

UMA BRISA DE ETERNIDADE | 9

APRESENTAÇÃO | 11

ROLO PRIMEIRO | 13

ROLO SEGUNDO | 35

ROLO TERCEIRO | 59

ROLO QUARTO | 79

ROLO QUINTO | 103

ROLO SEXTO | 129

ROLO SÉTIMO | 149

ROLO OITAVO | 175

ROLO NONO | 207

ROLO DÉCIMO | 223

ENSINAMENTOS DE RAHOTEP | 243

ROLO DÉCIMO SEGUNDO | 259

ROLO DÉCIMO TERCEIRO | 283

ROLO DÉCIMO QUARTO | 301

ROLO DÉCIMO QUINTO | 327

ROLO DÉCIMO SEXTO | 355

ROLO DÉCIMO SÉTIMO | 375

ROLO DÉCIMO OITAVO | 395

ROLO DÉCIMO NONO | 417

GLOSSÁRIO | 439

UMA BRISA DE ETERNIDADE

Esta obra de Ângelo Brea reúne várias singularidades que confirmam e consagram o autor como figura já incontornável na nossa memória literária. As qualidades do seu romance transbordaram as expectativas do júri que lhe atribuíram, justamente e por unanimidade, um modesto prémio que possibilita também agora a sua publicação. E se não cabe neste espaço ponderá-las, cabe uma nota lírico-sociológica de corte editorial que as aluda. Quando uma atmosfera de extermínio bate o campo da escrita em galego-português aí fora, ao ponto de nesta terra, pretendo berço de uma língua extensa e útil, nos tornarmos emigrantes para a sobrevivência, choca encontrar este artefacto complexo de proporções monumentais. Foi e é como se, à tona do deserto árido que se vai instalando em volta, o pé tocasse na ponta de uma pirâmide por baixo dissimulada. Imagem inevitável desde o primeiro contacto. Porque sabemos que escrever narrativa é trabalho arquitetónico com maquinismo de relógio e ao mesmo tempo pesado, lento, e exigente. Quase industrial. Quase eremita. É uma obra como a presente exige ainda mais estudo, disciplina e dedicação do que a média. O extraordinário resultado terá algo de re-fundacional no sentido que já temos exprimido a propósito do mesmíssimo *Scórpio*, cuja pretensão autoral tinha por trás motivações que se podem aproximar das que no seu momento produziram o primeiro romance de D. Ricardo: depois da Guerra Civil, tendo uma tradição consolidada de poesia lírica, no bando que com Carvalho Calero tentava reconstruir a cultura galega surgiu a consciência de faltar narrativa em termos de produção literária, e “abriu-se paso a ideia de que o que conviña agora era ter prosa, e desta convicción saíu A xente da Barreira” — fator extratextual que também apontamos de interesse a propósito do romance último. No seu próprio tempo e percurso, quando faltava narrativa em norma reintegrada e tal posicionamento carecia de distinção importante, o verdadeiro poeta que era meteu-se à tarefa. E se as duas narrativas maiores do patrocinador da Cátedra receberam prémios na altura significativos, *Ensinamentos de Rahotep* recebe o desta, refundando assim o mesmo alvoroço e propósito galeguista de Carvalho —que até de certeza concede sorriso irónico à excecionalidade ingénua de não termos colocado, por esta vez, limites de espaço à criação em seu nome. Pois que em seu nome, sobre o deserto para o qual nos empurram, se levante esta pirâmide, antes que túmulo, monumento da vida que ainda persevera até subterrânea... e na aragem do céu nos perpetua...! [Passem, leiam, celebrem]

Carlos Quiroga, diretor da Cátedra Institucional Carvalho Calero da USC

APRESENTAÇÃO

A todos nós, o antigo Egito sempre fascinou. Um quê de encantamento transborda das fibras do tempo e, espargindo-se na atmosfera imaterial, penetra-nos profundamente o espírito com a doçura e a calidez nevoenta de um sonho.

Dissipando-se pavorosamente as brumas, dispersam-se os volteios oníricos. Os olhos, perfurando o acúmulo de séculos, permitem-se a um novo vislumbre. Há ranhuras no tempo. De suas frestas, algo extravasa: a civilização não é a vaga percepção de um sonho distante. É o resultado da faina diária de entes humanos, do labor que lhes garante o sustento, da religião que lhes alimenta o espírito e de uma coesão transindividual tão escalonada e perene quanto as antigas pirâmides arvoradas em degraus.

No ápice da pirâmide — agora social — está a família real.

O príncipe Rahotep — sábio, justo e generoso — é o segundo na linha de sucessão do trono egípcio. Concentra uma plêiade de deveres. A mesma alma peleja em campanhas militares, agita-se na governança do reino, consagra-se às liturgias nos templos. Mas, como é tempo de paz, a sua missão enfoca-se num encargo crucial: gerir e supervisionar as magníficas obras concebidas por seu pai — Sneferu, o senhor das Duas Terras —, para extrair da rudeza das cantarias significados sublimes e transcendentais. Grandes lhes são os percalços. Nada é fácil. Nem mesmo a morte de um ente querido pode desviar o príncipe de sua árdua missão; antes, amplia-lhe as imensas responsabilidades... Mas o sacerdote de Rá — e primeiro dos videntes de Heliópolis — não é apenas um devotado líder religioso e secular. Em seu refúgio doméstico, o governante esmaece para que aflore o homem simples. E este homem é o marido dedicado, o pai de uma generosa prole. Após um extenuante dia de labor, o príncipe recolhe-se à calidez de um lar amoroso, onde, ao lado de Nofret — a mulher amada —, encanta os pequerruchos com histórias edificantes. E Djedi, o primogênito, escuta-o atentamente, porque há sobremodo delícias no que ouve e, sob a simplicidade do que lhe é dito, algo que paulatinamente afluí para edificar-lhe o espírito.

O romance de Brea é bem mais do que uma simples narrativa. Como pequenos afluentes amoldando-se ao álveo do Nilo, poemas de requintada elaboração — laicos e sacros — placidamente entremeiam-se a historietas exemplares.

A esta singular arquitetura literária — mas sem subtrair-lhe a aura terna e afável — ajunta-se o profundo e diversificado conhecimento da cultura do antigo Egito, abrangendo-lhe elementos cruciais como a língua e a escrita, o panteão, as tradições religiosas, a astronomia, os êxitos militares, os meios de transporte e métodos de construção. Mas a sapiência não se consolida em presunçosa erudição; ao contrário,

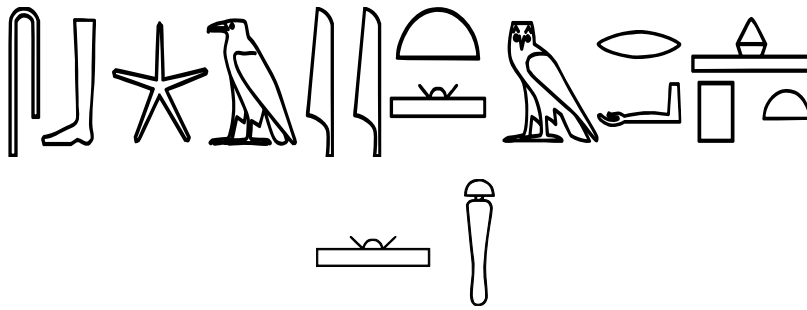
dissolve-se em filamentos envolventes e espaçantes, oxigenando a narrativa, misturando-se a ela com o ar da naturalidade.

Ao final, oferece-nos o autor um glossário, que vem em auxílio dos leitores em geral e, em especial, dos poucos familiarizados com as múltiplas e misteriosas facetas do quase insondável Egito antigo.

É, sem demora, chegada a hora de conhecer o que escreve o príncipe Rahotep em rolo de papiro. E o faz, com tranquila sobriedade, para preservar os seus pensamentos do triste destino com que se defrontam todas as coisas humanas...

Salvador/Bahia/Brasil, 20 de maio de 2026

Paulo Soriano



ENSINAMENTOS DE RAHOTEP

ROLO PRIMEIRO

Eu, Rahotep, sumo sacerdote de Rá, primeiro dos videntes de Iúnu, chefe do santuário, portador do ceptro *amesh*, governador de Pé, capataz das obras e *cháti* do reino, supervisor do exército, general das esquadras, filho do mesmo corpo do rei, o divino Sneferu, senhor das Duas Terras, hoje, décimo sexto ano do reinado do Hor Nebmaat, terceiro mês de *peret*, primeira semana, dia sete, dou início a este relato.

A ti, Djédi, meu filho, dedico este rolo, que contém os meus pensamentos, e que guarda a melhor parte de mim. De todas as heranças que posso deixar-te, esta é a melhor, porque delas podes tirar proveito, enquanto de outras coisas que existem no mundo, como o ouro ou a prata, o poder sobre os homens, os palácios e as terras, nada poderá aportar ao teu coração.

Pego hoje no fino estilete e na tinta preta para escrever neste rolo de papiro os meus pensamentos e assim preservá-los do triste destino a que estão sujeitas todas as coisas humanas. Para ti Djédi, meu filho, escrevi estas palavras para te orientar na vida presente e futura, para que aprendas com o meu exemplo do bom que tenho feito e evites os erros que eu possa ter cometido nesta vida.

Espero que este rolo seja uma herança para ti e que de ti passe aos teus filhos, enquanto existir o nosso mundo. Só viste doze vezes como as águas impetuosas do grande rio transbordaram para encher de vida e de benesses as viçosas margens da nossa pátria, mas ainda assim já sabes mais coisas do que muitos homens maduros conhecerão nas suas vidas.

Dediquei muitos dias a familiarizar-te com a sagrada escrita que cobre os templos e com a qual se adornam as estátuas, mas também aprendeste a escrita comum dos escribas, dos tendeiros e dos sacerdotes. Louvado seja Dyehuthy por nos dar tal presente. Oxalá possas seguir o meu exemplo e, com os anos, chegar a tornar-te útil

ao rei ou aos seus governadores, e possas registrar com a tua mão os gloriosos feitos dos nossos senhores. Mas para isso precisas ainda de muitos anos de estudo, porque o trabalho de um escriba, como o de um príncipe, não conclui senão quando alcança o último dia da sua vida.

Com alegria vejo como cada dia aprendes coisas novas e me surpreendo com a tua memória e com a tua capacidade de aprender, de modo que pressinto que chegarás mais longe do que eu alguma vez possa chegar.

Perguntaste-me, antes que o sono te vencesse, a razão pela qual te faço repetir uma e outra vez as palavras sagradas e porque tens de passar tanto tempo a copiar os velhos textos da nossa língua, e aprender de cor as sentenças de Imhotep, em vez de ires brincar com os teus amigos Úmi e Sapotep. Algum dia estes ideogramas que com tanto esforço estás a aprender, serão para ti da máxima importância.

Hoje deixei-te a incumbência de que escrevesse sobre as tabuletas de cera um exercício com a árvore genealógica da nossa família, até à terceira geração. Era um trabalho difícil, pois devias aprender de cor o nome de cada um dos nossos antepassados, desde o teu bisavô, o rei Huni, passando pelo teu avô, o grande Sneferu e todos os filhos e filhas do seu corpo, para terminar com o teu próprio nome e o nome dos teus irmãos e irmãs.

Ao chegar ao nosso lar, perguntei por ti e a tua mãe disse-me que tinhas estado a trabalhar durante toda a tarde. Quando entrei no teu quarto, vi que estavas de costas, a escrever num papiro. Aproximei-me sem fazer ruído e observei o que escrevias, por cima do teu ombro. Fiquei muito satisfeito ao reparar que a caligrafia era a correta. Não tinhas cometido nenhum erro e os hieróglifos estavam perfeitamente delineados, com um traço firme e claro.

– Muito bem, filho – disse, ao ver-te tão atarefado naquele exercício. Naquele preciso momento estavas a traçar o nome da tua irmã Mereret.

Ao ouvires-me, deixaste o fino estilete sobre o prato e olhaste para mim. Parecias satisfeito.

– Repeti várias vezes a tarefa que me encomendou, pai, até que ficou perfeita.

– Parabéns, filho. Como diria o grande Imhotep: “O trabalho realizado de forma deficiente deve refazer-se várias vezes. Apenas a obra iniciada e concluída com perfeição fica bem feita à primeira”. Alegro-me que te tenhas esforçado tanto.

Djédi fixou o seu olhar em mim. Uma pergunta rondava-lhe a mente.

– Mas por que dá tanta importância à palavra escrita, pai? Nenhum dos meus amigos sabe escrever e são tão felizes como os passarinhos.

– Nisso tens razão, filho, porque a maior parte das pessoas pode viver na sagrada terra de Kemet sem se ver obrigada a aprender esta difícil arte. No entanto, a palavra escrita é o maior dom que os deuses nos deram. Com ela podemos preservar os conhecimentos e transmiti-los a gerações futuras. Como poderíamos levar a cabo a construção da pirâmide do nosso senhor Sneferu se não tivéssemos esse dom? Seria

quase impossível fixar quantos côvados reais deve haver de um extremo de um lado a outro ou qual é o ângulo ao que elevar as pedras.

» O conhecimento deste dom maravilhoso pode ser muito mais importante do que pensas. Queres que te conte uma história antiga que o exemplifica?

– Sim, pai. Gostaria muito.

– A história que te vou contar aconteceu na época do rei Sanakht Nebka. Durante o seu primeiro ano, quando era ainda um jovem inexperiente, houve uma rebelião em Wawat, em Irtkhet e no reino de Kush. O rei Embá convocou os seus guerreiros para tentar libertar-se da nossa influência. Desde a época de Menes, os núbios de Kush deviam entregar-nos um tributo pesado, em ouro e animais. Em apenas uns meses, formaram um exército de mais de dez mil homens. Invadiram a região que se encontra a sul da primeira catarata e atacaram os nossos assentamentos, matando todas as pessoas que encontraram. Enquanto o rei reunia o exército, convocou os seus melhores generais. Naquela época recuada, poucas pessoas podiam ler e escrever com correção e aos homens de armas apenas se lhe exigia valor e fortaleza, não grande cultura. O rei, no entanto, atuou com inteligência. Escolheu Sobar como general, que enviou ao comando de uma vanguarda de mil soldados e quinhentos asnos. E sabes por que o escolheu? Entre todos os seus generais, Sobar era o único que sabia ler e escrever corretamente. O seu pai, um velho escriba, tinha-lhe ensinado as palavras sagradas, apesar de que o rapaz insistia em seguir a vida militar. Finalmente, os esforços do seu pai foram recompensados.

» Sobar fez-se acompanhar pelo escrivão Inef, que tinha uma bela caligrafia, para assim trocar mensagens entre a vanguarda do exército e o rei, que avançava lentamente na retaguarda, aguardando os movimentos do inimigo. Quando Sobar chegou à primeira catarata, surpreendeu-se vivamente ao reparar que uma estranha doença começara a atacar os seus soldados. O corpo enchia-se de pústulas e os doentes graves acabavam por morrer aos poucos dias. Infelizmente, o escriba Inef foi contagiado por aquele mal e morreu. Então, os conhecimentos de Sobar adquiriram a sua verdadeira importância. Pela sua própria mão escreveu uma mensagem ao rei, pedindo-lhe que se mantivesse afastado, explicando-lhe todas as circunstâncias que envolviam aquela estranha enfermidade. Para isso escolheu um mensageiro que tinha sofrido a doença, mas que tinha recuperado as forças após a infeção.

» Aquela mensagem mudou completamente o curso da guerra. Sobar encontrava-se num dilema, já que tinha quase metade dos soldados enfermos, mas ainda assim colocou os que pôde sobre os asnos e lançou-se sobre a vanguarda de Kush, causando uma grande mortandade. Depois, Sobar permaneceu ali durante algum tempo, para que os seus soldados se recuperassem das feridas e da sua enfermidade. Chegou-lhe então uma mensagem do rei, que insistia em manter afastados os soldados para lá da primeira catarata, até que se comprovasse que nenhum deles padecia nenhuma sequela daquele estranho mal. Durante vários meses Sobar permaneceu ali, até que a doença cessou e os últimos soldados se recuperaram totalmente.

» Desde esse momento, Sobar contou ainda um mês adicional e enviou, finalmente, um informe completo ao rei, escrito pela sua mão, dando conta do fim da guerra e do contágio.

» Ao receber a carta, o rei ficou muito satisfeito por como Sobar tinha conduzido a campanha. Sem dúvida, Sobar tinha salvado duplamente o país: vencera uma batalha contra os kushitas e controlara uma enfermidade que podia ter-se alastrado como uma praga. Vês agora, filho, por que é tão importante saber ler e escrever corretamente? Se Sobar não soubesse ler e escrever, não teria conseguido o que conseguiu.»

Décimo sexto ano do reinado do Hor Nebmaat, terceiro mês de *peret*, primeira semana, dia oito. Hoje, ao entrar no teu quarto, para contemplar o que estavas a fazer, reparei que estavas a copiar uma das máximas de Imhotep: “A verdadeira justiça encontra-se no mais profundo das coisas”.

– Pai, o que é a justiça? – perguntaste-me, a assinalar a palavra *maat*, com uma voz cândida e a olhar para mim com os teus olhos brilhantes.

– A justiça é resolver um problema da melhor maneira para as duas partes em conflito, recompensando ou castigando de uma maneira apropriada, de acordo com as leis e com o assunto que se julga – respondi, dando como resposta a primeira explicação que se me ocorreu.

– Não percebi – respondeste.

– A ideia é singela – admiti –, mas a sua aplicação é um conceito mais difícil de compreender, porque é mais abstrata. Para que percebas o que realmente é a justiça, tenho de te narrar uma história que aconteceu ao *chāti* Kagemni, no tempo do rei Ni-Suteh. Esse vizir tinha duas filhas tão formosas que todos diziam que eram dignas do senhor dos Dois Reinos. Chamavam-se Merit e Iaret. De facto, o futuro de uma delas foi glorioso, embora essa história seja alheia ao que te quero contar... Quando as meninas chegaram à adolescência, essa idade difícil em que as crianças deixam de o ser e pensam saber mais do que os seus progenitores, Iméni trouxe a casa um cesto de fruta, como presente do rei pelo seu trabalho. Havia romãs, uvas, limões, pêssegos e uma única laranja, tão grande que nunca tinham visto outra igual. Iméni almoçou com a família e, ao terminar, regressou ao serviço no arquivo, até à hora do jantar. Quando o pai partiu, as meninas repararam naquela cesta de fruta e pediram as duas a laranja à mãe, ignorando o resto de frutas.

– Que farias neste caso, meu filho? O que achas que seria o mais justo?

– Pois, como as duas meninas querem a laranja, o melhor seria contentá-las a ambas e dar-lhes metade da laranja a cada uma.

– Vai perguntar à tua mãe o que ela pensa – sugeri ao meu filho.

Ao regressares, sentaste-te no teu assento e, com um ar de suficiência, disseste:

– A minha mãe é da mesma opinião. Diz que, neste caso, o melhor para as duas seria partir a laranja ao meio.

– Quase toda a gente diria o mesmo, filho – admiti. – Mas isso não seria uma justiça real, mas aparente, porque fica à superfície, sem irmos ao fundo do problema. Antes de darmos uma opinião totalmente justa, devemos aprofundar mais, mesmo em algo tão nímio como neste exemplo que te dei.

– Sabes como resolveu Iméni este assunto quando regressou a casa nessa noite? Quando a sua mulher e as suas filhas começaram a disputar a posse da laranja, ele pegou na fruta e chamou as filhas, uma a uma, para falar com ele. Dessa forma, percebeu que Iaret desejava a laranja simplesmente para a comer, mas a outra filha, Merit, queria-a para fazer uma torta e que apenas precisava apenas da casca, não do sumo nem da polpa.

Então, o vizir tirou a casca da laranja e entregou-a a Merit, dando a Iaret o fruto do interior. Entendes agora o que é a justiça?

– Agora sim, pai. A partir de agora, quando escrever a palavra *maat*, lembrarei esta história.

Olhaste para mim, com os olhos brilhantes, e esboçaste um sorriso.

Décimo sexto ano do reinado de Hor Nebmaat, terceiro mês de *peret*, primeira semana, dia nove. Hoje, ao terminar o trabalho na pirâmide, regressei muito cansado ao meu lar. Amanhã será feriado, e os trabalhos na pirâmide tinham sido suspensos. Estava exausto. Hoje houve complicações: Um dos operários morreu ao cair-lhe uma grande pedra em cima. Senti-me triste porque era um bom trabalhador, e o grupo notou essa perda.

Ao terminar o jantar, Nofret e eu ficámos sentados a observar o reflexo de Iah no grande rio. Ver as tranquilas águas e o formoso luar tranquilizou-me. Deixámos que os teus irmãos e as tuas irmãs brincassem alegremente entre os sicómoros, enquanto a mesa era arrumada. Depois chegou a hora de todos irem descansar. A fadiga de um dia atarefado fez com que todos adormecessem rapidamente, exceto tu, que eras o mais velho.

Tua mãe Nofret e eu ficamos a observar, deliciados, como o sono vos ia vencendo. O dia tinha sido caloroso e agora a noite também o era, por isso cobrimo-vos apenas com um lençol.

– Mãe – disseste então, inesperadamente. – Pode contar-me um conto?

Olhei para tua mãe e vi esboçar-se um sorriso no seu formoso rosto. Ela era uma excelente narradora de histórias, embora os problemas e os trabalhos comuns a uma esposa e a uma mãe de seis filhos a tivessem afastado dessa delicada arte.

– Claro, filho – respondeu ela. – Conheço algumas histórias. Queres ficar tu também, Rahotep, meu amor, para ouvi-la?

Eu assenti e fui deitar-me aos pés do leito, onde fiquei todo o tempo, num respeitoso silêncio.

Então Nofret, formosa naquela hora, como só pode ser Iah, o disco lunar, no horizonte do país de Kemet, começou a narrar a sua história.

– O conto que vos vou contar – começou ela – intitula-se *A lenda de Itep e de Ánpu*. É uma história antiga, que a minha mãe me contou muitas vezes. Como sou fiel devota do grande deus, acho que vem a propósito. Tentarei lembrar-me até à última palavra.

» Havia uma vez um camponês chamado Itep que tinha dois filhos pequenos, Úni, de seis anos, e Nefer, de sete. Foi no ano da grande mortandade, durante o reinado do rei Djet, o rei serpente, quando desceu da Terra dos Juncos a terrível doença que matou um quinto das pessoas dos dois reinos e provocou grande fome. Foi um dos momentos mais terríveis da história do nosso país. Aquela maldição atingiu todos os recantos do país de Kemet, desde a mansão do rei à cabana mais pobre da mais afastada aldeia da região do Delta.

Também a doença atingiu o lar de Itep e tocou a pele dos seus filhos. Itep era um camponês livre, que trabalhava um pequeno pedaço de terra num dos braços secundários do grande rio, na zona do Delta. Os pais fizeram tudo o que podiam pelas crianças, mas a doença já tinha avançado demasiado e compreenderam que não havia nada a fazer por eles. Nesse momento, o grande Ánpu, senhor da terra sagrada, tinha mais trabalho do que em qualquer momento da história da nossa pátria, pois eram incontáveis as almas dos que deviam entrar na Duat. Percorreu os *sepat* da Terra dos Juncos e os *sepat* da Terra do Papiro. Com tristeza, a sua mão levava homens na plenitude da vida, formosas mulheres e crianças de todas as idades. Não podia fazer nada por eles, exceto acompanhá-los nesse instante que culmina a existência humana.

Apesar da calamidade que se tinha espalhado pela terra, Itep e a sua mulher Mara eram pessoas bondosas, que confiavam nos deuses. Nesses tempos amargos, em que muitos abandonavam os templos e o culto, eles mantinham as velhas tradições.

Uma tarde da estação de *shému*, no primeiro mês, poucos dias antes da festa da sua adoração, o grande Ánpu, senhor da necrópole, entrou lentamente na aldeia de Itep. Tocou com a mão invisível o peito dos que agonizavam e os que deviam morrer e logo se dirigiu à última das cabanas. No exterior viu Itep a observar o lento curso das águas daquele braço do rio. Diante dele, num altar comoventemente simples, umas figuras de pedra representavam Aset e Usir, e o próprio Ánpu, com cabeça de chacal. Ánpu viu como, antes de se sentar, Itep se ajoelhou perante as figuras e recitou mentalmente uma oração aos deuses. Mesmo naquela amarga hora, Itep mantinha incólumes os ensinamentos dos seus antepassados. A emoção tocou, então, o coração sagrado do deus, ao ver aquela manifestação profunda de fé. Decidiu então provar a alma de Itep. Metamorfoseou-se instantaneamente num velho mendigo, de rosto sulcado por rugas profundas e mãos desgastadas. Vestiu-se de forma humilde e abandonou a sua forma de chacal para assumir a aparência de um simples humano. Aproximou-se, assim disfarçado, da cabana de Itep e cumprimentou-o.

Itep, que estava mergulhado em tristes pensamentos, saiu da sua abstração e respondeu ao cumprimento.

– Senhor – disse o mendigo –, levo todo o dia a caminhar entre os destroços causados por esta grande mortandade e não vi ninguém que pudesse ajudar um pobre mendigo como eu. Pelos deuses do país de Kemet, peço-vos que me ajudéis. Um gole de cerveja e um pedaço de pão seriam suficientes para me dar forças para chegar à aldeia mais próxima, pois esta foi atingida tão fortemente pela morte que quase não resta ninguém vivo.

– Certamente – respondeu Itep, com voz suave. – É uma má hora para todos. Muitos morreram ou adoeceram gravemente. Não resta ninguém para cuidar de um velho mendigo. Mas eu, enquanto tiver um hálito de vida, não deixarei que um velho passe fome ou sede. Venha. Sente-se aqui, nesta pedra.

Itep ergueu-se e deixou que Ánpu se sentasse no lugar onde ele próprio estivera.

– Aguarde aqui, que já regresso.

Enquanto Ánpu aguardava, Itep entrou em casa e voltou pouco depois. Trazia um pedaço de pão de centeio e uma caneca de cerveja. Entregou tudo ao mendigo e sentou-se ao seu lado para lhe fazer companhia.

– A sua mulher não está? – perguntou Ánpu, distraidamente, embora soubesse perfeitamente a resposta.

– Está, meu senhor. Mas neste momento está a cuidar dos nossos filhos. Eles ficaram muito doentes e, embora saibamos que não há nada a fazer, revezamo-nos para estar sempre com deles e que a morte não os surpreenda sozinhos, mas que um de nós esteja sempre com eles, para que deixem este mundo na nossa presença, e para lhes pegarmos na mão e lhes darmos o último beijo.

Ánpu, senhor da necrópole, ficou novamente comovido, ao ouvir aquelas palavras. Virou o rosto para o rio para que Itep não visse as lágrimas que lhe surgiram nos olhos.

Ficaram em silêncio, enquanto Ánpu comia o pedaço de pão e bebia a cerveja. Nunca tinha provado alimento melhor, pois sabia que era o último pedaço de pão e o último copo de cerveja que restavam na cabana de Itep.

– Fico-vos muito grato pelas vossas atenções – disse o mendigo.

– De nada – respondeu Itep. – Sei que esta calamidade que atingiu a terra é uma provação dos deuses por nos termos afastado do caminho reto. Mas se mantivermos a fé e orarmos com constância, o país de Kemet sobreviverá. Quando tudo isto acabar, espero voltar a vê-lo num dia melhor do que este, para lhe oferecer outro copo de cerveja e outro pedaço de pão.

Aquela resposta terminou de convencer Ánpu de que estava perante um homem excepcional.

O velho mendigo ergueu-se com esforço e Itep, ao ver as suas dificuldades, ajudou-o a levantar-se. Então aconteceu algo extraordinário. O velho mendigo, sujo e cansado, tinha-se transformado numa figura extremamente alta, ultrapassando Itep em quase dois côvados.

Itep olhou para cima e viu uma figura humana com rosto de chacal. Imediatamente reconheceu a presença do deus e caiu aterrorizado no chão, ocultando o seu rosto.

– Não tenhas medo, Itep – disse Ánpu, o senhor da necrópole. – Nesta hora amarga, a tua fé comoveu-me. Graças a ti, a mortandade que tinha caído sobre a terra irá cessar e as pessoas deixarão de morrer por esta enfermidade. Hoje era o dia em que a alma dos teus filhos, Úni e Nefer, devia ser pesada na balança, mas a tua fé comoveu-me, por isso permitirei que continuem a viver por algum tempo. Mas fica atento, porque regressarei por eles um dia inesperado.

Itep não soube o que dizer. Ficou no chão, atrevendo-se apenas a espreitar. A figura do deus era aterrorizadora e, ao mesmo tempo, maravilhosa. Uma visão que jamais esqueceria no resto da sua vida.

Ánpu estendeu a sua mão sobre a casa e pronunciou estas palavras.

– Que a morte se afaste desta cabana e que a minha proteção paire sempre sobre esta família, até ao dia em que todas as coisas terminem.

Itep olhou outra vez para cima. Viu um clarão de luz e, de repente, a figura do deus desvaneceu-se. Soprou uma aragem que passou pelo seu corpo como se o atravessasse, e um aroma de flores espalhou-se sobre o lugar.

De repente, Mara, a sua mulher, surgiu à porta da cabana.

– Que aconteceu, Itep? Com quem falavas? Uma brisa passou pela casa e, de repente, todas as fadigas do mundo abandonaram os meus ombros. E que é este aroma que se estende pela terra? É como se o recender de todas as flores pairasse sobre este lugar.

Itep contou à mulher, com as suas próprias palavras, o que lhe tinha acontecido. Mara, que era uma mulher singela, recusava-se a acreditar naquela fantasia, embora o marido jurasse e tornasse a jurar.

Então aconteceu algo extraordinário. No umbral da porta, Úni e Nefer olhavam para eles, totalmente curados da sua enfermidade. A sua pele não tinha nenhum rasto de chagas ou manchas e os seus rostos resplandeciam com a cor da vida.

A alegria que houve naquele dia, no lar de Itep, foi indescritível.

Como Ánpu prometera, a grande mortandade foi desaparecendo rapidamente pela terra por onde corre o grande rio. E, tal como a morte tinha descido depressa, também depressa se afastou. Ninguém sabia a causa, mas Itep e Mara guardaram nos seus corações a verdadeira razão daquele inesperado milagre.

Desde esse dia, uma mão invisível parecia pairar sobre a cabana e as terras de Itep. Por uma razão desconhecida, as colheitas plantadas pela sua mão eram sempre bem-sucedidas. Não só tinham o suficiente para pagar os impostos ou para o seu próprio sustento, mas também lhes sobrava uma parte para comerciar, através de troco ou venda. Não passaram dois anos até Itep conseguir adquirir um novo pedaço de terra à família de um camponês que falecera na grande praga. Um ano depois, conseguiu outra parcela.

Então, Úni e Nefer começaram a ajudar nos trabalhos do campo e também eles foram bem-sucedidos. Plantaram linho numa das parcelas, centeio e cevada na segunda e trigo na terceira. Como não tinham suficientes mãos para levarem a cabo a colheita, Itep falou demoradamente com a sua esposa Mara o que deviam fazer.

– Devemos contratar alguém para nos ajudar nos campos – comentou Itep. – Se não o fizermos, metade da colheita ficará por recolher.

– Quando é que se viu um camponês ter um servente? – disse Mara, espantada. – Lembra-te do que aconteceu quando Ánpu, o senhor da necrópole, teve misericórdia dos nossos filhos e os livrou de uma morte segura. Desde esse dia, tudo o que fazemos é bem-sucedido. Mas lembra-te de que a sorte é volúvel e que, se um dia está do nosso lado, também pode tornar-se contra nós. O que aconteceria se Ánpu passasse um dia por aqui e fosse recebido de forma ríspida por um servente cansado? Como podemos confiar que da sua boca saiam apenas palavras amáveis? Nada fere mais o coração humano do que o desprezo. As palavras dos homens podem ferir mais do que as espadas. Podes contratar alguém, mas não o deixes viver aqui na nossa cabana, nem ser ele a falar com os nossos visitantes. O seu trabalho será apenas o de ajudar nos trabalhos do campo. Isso exclui totalmente pessoas das nossas famílias, que poderiam intrometer-se nos nossos assuntos e causar a nossa ruína. Prometes-me, amado esposo?

A Itep pareceu-lhe uma decisão sensata a da sua mulher e decidiu seguir o seu conselho. Quando o seu irmão Nunefer soube que Itep tinha um servente e que não o tinha contratado para o ajudar, sentiu uma profunda animosidade, embora naqueles anos Itep o tivesse ajudado muitas vezes, dando-lhe parte da sua colheita. Itep não se zangou com ele e continuou a enviar-lhe os excedentes da estação.

Itep instruiu o servente de variadas maneiras. Insistiu sobretudo em que nunca falasse com qualquer pessoa que entrasse nas suas terras, enviando sempre recado a ele próprio ou a Mara.

No ano seguinte, com os lucros obtidos pela venda do linho, Mara e Itep ampliaram a sua pequena cabana, reforçando com tijolo e com pedra as paredes da casa. Nunca um camponês do Delta tinha feito nada semelhante. Aquilo poderia criar invejas na aldeia, mas eles duplicaram os seus esforços, entregando à comunidade uma parte crescente dos seus benefícios. Com isso, construiu-se um pequeno templo de pedra, consagrado ao deus Ánpu, como protetor daquela aldeia.

Quando tinham passado nove anos desde a grande mortandade, Ánpu, senhor da necrópole, regressou outra vez àquela pequena aldeia. Surpreendeu-se gratamente com as obras realizadas. Tinham sido levadas a cabo numerosas obras de irrigação, que beneficiaram não apenas Itep, mas também as outras famílias. O templo que lhe tinham dedicado estava permanentemente abastecido de frutos e oferendas. Seria tudo isso obra de Itep? Então Ánpu, senhor da necrópole, metamorfoseou-se numa anciã quase cega, de espantosa presença. Pegou numa vara e se dirigiu, com passos inseguros, ao lar de Itep.

Era um dia formoso da estação de *shému*. O sol incendiava o horizonte e o céu estava azul e sem nuvens. Por diante das terras de Itep, o rio discorria placidamente, num grande meandro, em direção ao mar.

Uma formosa menina estava a trabalhar num campo de linho, junto a um homem maduro. Quando viu a anciã, saiu-lhe ao passo e saudou-a afetuosamente.

– Bom dia, senhora – disse Nefer. – Em que posso ajudá-la? Está perdida?

– Bom dia, menina – respondeu a anciã. – Levo caminhando desde o nascer do sol. Poderia descansar ao pé desse sicómoro apenas uns instantes?

– Claro, minha senhora – respondeu Nefer.

A menina ajudou a anciã a sentar-se num pequeno talude, com as costas encostadas ao tronco do sicómoro.

– Aguarde aqui um instante, minha senhora – disse Nefer, com uma voz encantadora. Depois, dirigindo-se ao homem que trabalhava com ela no campo de linho, disse:

– Vai depressa junto do meu pai ou da minha mãe e informa-os de que está aqui uma anciã necessitada. Diz-lhes que enviem uma jarra de vinho, um peixe assado e um pedaço de pão. Rápido, Ámsi.

Ánpu, que ouvira desde longe as palavras da menina, fez como se não tivesse ouvido nada e ficou a descansar, com as costas apoiadas no sicómoro. O rio discorria com placidez. De repente, no meio das águas, viu peixes a saltar, alegremente. Ánpu encheu-se de alegria com aquela visão. Sobre os sicómos, umas aves cantavam e o seus trinos fizeram-no fechar os olhos e deixar-se levar por aqueles sons agradáveis. Nem nos mais formosos jardins do palácio do rei se sentia uma música mais encantadora.

Não tinha passado muito tempo quando chegou Ámsi com a encomenda. A formosa Nefer pegou em tudo e ordenou-lhe que continuasse o seu trabalho no campo, sem deixar que se aproximasse da mulher. Ela própria levou as coisas à anciã.

– Minha senhora – disse Nefer –, trouxe-lhe um copo de vinho, um peixe assado com legumes e um pedaço de pão. Fique aqui à vontade e sacie a sua fome e a sua sede neste dia tão caloroso.

Ánpu sentiu comover-se, novamente, o seu coração.

– Nunca vi – disse a anciã –, em todos os meus anos de vida, uma menina mais formosa nem mais bem educada do que tu. Muito obrigada, menina, pelas tuas atenções. Que os deuses te abençoem a ti e à tua família!

– Se está tudo ao seu gosto, vou continuar o trabalho no campo, como me disse meu pai.

– Vai, filha, vai – respondeu a anciã.

Enquanto Ánpu, senhor da necrópole, comia e bebia as viandas que Nefer lhe tinha entregado, não deixou de observar as mudanças em relação a nove anos atrás. A cabana era agora maior, quase uma casa de campo de um nobre, com paredes de

tijolo e revestida a pedra branca. Havia muitas árvores de fruto, campos cultivados, canais que levavam água do rio e um estábulo com aves de capoeira.

Quando a anciã terminou, Nefer veio junto dela para perguntar se tinha gostado.

– Gostei muito, minha filha – respondeu a anciã. – Sabes ler e escrever?

– Sim, minha senhora. O meu pai contratou um velho escriba para nos ensinar, tanto a mim como ao meu irmão.

– É estranho que os filhos de um camponês saibam ler e escrever – respondeu a velha.

– Não sei como é a vida dos outros camponeses, senhora. Mas meu pai empenhou-se em que o fizéssemos e não quisemos contrariá-lo.

Então a anciã ergueu-se de onde estava, para se ir embora.

– Diz a teu pai, da minha parte, que lhe estou muito grata pela comida e que gostei muito de como estão as coisas por aqui. Diz-lhe também que voltarei daqui a uns anos que, por enquanto, adiarei novamente a vossa partida.

Nefer olhou para ela com olhos arregalados de espanto. Compreendera quem era aquela anciã. Muitas vezes lhe tinham contado a história do primeiro encontro com Ánpu, senhor da necrópole, e não foi preciso dizer mais nada. Nefer caiu ao chão e curvou-se profundamente perante a anciã. Quando olhou de novo, não havia ninguém.

Nefer correu para casa e chamou os pais e o irmão. Contou-lhes a história e tudo o que lhe tinha dito a anciã, palavra por palavra. Itep fez-lhe repetir a história três vezes.

– Sem dúvida, Ánpu esteve hoje aqui – disse Itep. – Não conteis o que aconteceu a ninguém da aldeia e mantenham a boca fechada. Viu Ámsi o que aconteceu?

– Não, pai – respondeu Nefer. – Estava a trabalhar no campo de linho e, de onde estava, não pôde ver nem ouvir nada.

– Fizeste bem, filha. Muito bem – disse Itep. – Hoje podia ter sido o último dia da vossa vida, mas parece que o bom deus vos concederá alguns anos mais, desde que nos mantenhamos atentos e o nosso comportamento seja o adequado.

Assim foi o segundo encontro de Ánpu, senhor da necrópole, com a família de Itep.

Um ano depois, Khay, o governador do *sepat* de Net-Résu, que tinha ouvido falar da aldeia de Itep como exemplo de prosperidade e boa administração, decidiu passar por ali e comprovar com os seus próprios olhos se o que se dizia era verdade. Para essa viagem fez-se acompanhar do seu filho Méru, um jovem de formosa presença que acabava de atingir a maioridade.

Itep e Mara receberam Khay com grande cordialidade. Mostraram-lhe as suas terras, que ao fim de dez anos de investimentos já atingiam os vinte *sechat* de superfície, e ele ficou fascinado pelos cultivos, pelo sistema de irrigação, pela abundância de árvores de fruto e pela beleza da sua casa, que não tinha nada a invejar ao próprio lar de Kháy, em Dyekhaper, capital do *sepat*. Itep e Mara apresentaram-lhes os filhos,

Nefer e Úni. Imediatamente Méru ficou apaixonado pela beleza de Nefer, pelos seus olhos castanhos, pelo cabelo negro como azeviche, pela sua encantadora aparência e pela doçura da sua fala. Surpreendeu-se pela vastidão dos seus conhecimentos e, mais ainda, que soubesse escrever corretamente os sagrados hieróglifos e ter aprendido de cor tantas histórias.

Méru ficou tão apaixonado que não havia semana que não fosse à plantação visitar a encantadora jovem. Tanto Kháy como Itep aceitaram de boa-fé a relação e, ao fim de dois anos, celebrou-se o casamento entre eles. Uma formosa camponesa tornou-se esposa do filho do governador de um dos *sepat* mais importantes do Delta.

Úni foi igualmente promovido a chefe do palácio e sacerdote de Sobek, o deus crocodilo. A sua prudência e os seus conhecimentos fizeram com que, em pouco tempo, lhe fossem confiadas as chaves do templo, sendo-lhe encomendada a cerimónia principal de consagração da estátua do deus. Tornou-se, finalmente, Grande Sacerdote de Sobek, uma honra extraordinária para o filho de um camponês. Tomou por esposa Nebetah, irmã de Méru.

Itep e Mara continuaram a viver, no entanto, na sua formosa quinta, partilhando a sua feliz existência com os filhos e netos que alegraram a sua velhice. O novo rei, Uadyi, filho de Djer, após atingir a sua maioridade, após a regência da rainha Merineit, chamou Méru ao seu palácio e com ele foi Nefer, que causou profunda impressão na corte real pela sua beleza e a inteligência.

Nessa altura, passados outros nove anos desde a última visita, Ánpu, senhor da necrópole, decidiu pôr novamente à prova a família de Itep. Desta vez visitou Úni, que era sacerdote do deus Sobek. Ao santuário acorriam, desde gerações, mulheres que tinham dificuldades em engravidar, pois atribuíam ao deus poderes mágicos que auxiliavam a concepção. Também ali acorriam mulheres em fase mais avançada da gravidez, especialmente aquelas que já tinham recorrido anteriormente ao deus, para agradecer e pedir que o parto fosse bem-sucedido.

Ánpu, senhor da necrópole, metamorfoseou-se numa mulher nova, em avançado estado de gestação, para aceder ao santuário. Nesse momento, à entrada do recinto, várias mulheres, com ramos de flores para oferecer à estátua de Sobek, aguardavam que as portas se abrissem. Úni, guardião das chaves, abriu-as e deixou que todas aquelas mulheres entrassem, falando-lhes com amabilidade. Nesse instante, Ánpu soltou um grito de dor, como se as dores do parto já tivessem começado. Úni, ao ouvi-la, correu de imediato. Duas mulheres ajudaram-no a ampará-la e a levá-la para o interior do templo.

– Parece que lhe chegou a hora do parto, senhora – disse o filho de Itep.

– Assim parece – disse Ánpu, sorrindo para ele. – Que má sorte! Vim a caminhar desde a minha aldeia e agora não sei se poderei regressar.

– Fica muito longe, senhora?

– Demorei umas duas horas a chegar – respondeu ela. – Fica a meio *itéru* de distância. Não é muito, mas neste estado não conseguirei voltar.

Úni percebeu que o que a mulher dizia era verdade. Não podia deixá-la sem assistência, mas tinha muitas obrigações naquele dia. Decidiu, por isso, chamar dois aprendizes para a acompanharem e uma parteira que conhecia.

– Tem contrações?

– Sim – respondeu Ánpu – e são bastante dolorosas, mas ainda não rompi águas.

– Talvez sejam dores de pré-parto – disse Úni. – Já vi muitos casos, pois aqui chegam muitas mulheres em estado avançado de gravidez. Não é a primeira vez que ajudo a parteira num parto...

Úni sorriu para ela, e Ánpu percebeu que dizia a verdade. Nesse momento chegou a parteira e Úni explicou-lhe brevemente a situação, aguardando o seu parecer.

– São dores de pré-parto – confirmou a parteira, após observá-la atentamente.

– São bastante comuns no seu estado. Talvez passem dentro de algumas horas... ou talvez não. O melhor que podemos fazer é observar a evolução. Deve ficar deitada durante algum tempo e, se melhorar, poderemos levá-la à casa. Se, pelo contrário, romper águas, terei de assisti-la no parto.

– É uma boa ideia – concordou Úni. – Vós os dois – ordenou aos dois sacerdotes jovens –, venham comigo. Vamos levá-la ao quarto de repouso.

Entraram numa sala do edifício lateral, e Úni ajudou-a a deitar-se num leito macio. Mandou trazer um copo de cerveja e uma torta. Naquele momento não havia ninguém mais ali, embora por vezes se encontrassem várias mulheres no local, a aguardarem o parto.

– Senhora – disse Úni –, tenho muitas coisas para fazer hoje, mas a parteira ficará consigo até que as dores remetam. Se tudo correr bem, mandarei que a levem à sua casa numa liteira. Não se preocupe. Voltarei ao meio-dia para ver como está.

Antes de sair, ordenou à parteira que a tratasse com cuidado e colocou um dos aprendizes à sua disposição. Ánpu ouviu como o advertia severamente para que não abandonasse o local.

– Se essa mulher se queixar de ti, serás expulso do templo. Percebeste?

O aprendiz ficou surpreso, mas assentiu, inclinando a cabeça perante Úni, filho de Itep.

Nesse momento, Ánpu, senhor da necrópole, ficou comovido com as atenções que uma simples mulher do povo tinha obtido por parte do filho de Itep. Quando chegou o meio-dia e Úni voltou a interessar-se por ela, Ánpu ergueu-se do leito onde estivera toda a manhã.

– Quero falar consigo, Úni, filho de Itep e de Mara – disse Ánpu.

Úni ficou assombrado por aquela mulher conhecer o seu nome e o nome dos seus pais.

– Preciso ficar a sós consigo antes de lhe dizer algo importante.

Úni ordenou que a parteira e o aprendiz saíssem do quarto. Quando ficaram sozinhos, Úni olhou para a mulher e ficou ainda mais surpreso. Diante dele estava Ánpu, senhor da necrópole. Media cinco côvados de altura. O seu era o corpo

de um humano de proporções perfeitas e força extraordinária, mas tinha rosto de chagal. O medo encheu o coração de Úni, que caiu de joelhos.

– É a terceira vez que a vossa família me surpreende gratamente. Primeiro foi Itep, teu pai. Depois Nefer, tua irmã. Agora tu. Vejo que foste educado com esmero pelos teus pais. Agora chegou o momento de confirmar o presente que dei a teu pai. Não voltarei a pôr-vos à prova, pelo menos por agora, mas a minha mão continuará a proteger a vossa família. Um dia, a tua irmã terá uma filha que se unirá ao senhor dos Dois Reinos. O teu filho primogénito irá tornar-se-á *châti* do rei. Mas cuida sempre de educar os teus filhos no temor dos deuses e na nobreza de espírito. Transmite aos teus pais as minhas saudações, pois não falta muito para que tenha de pesar os seus corações na balança.

Quando Úni ergueu a cabeça, já não viu ninguém. Ficou entristecido, pois o deus lhe tinha revelado que a hora da morte dos seus pais se aproximava. Nesse momento, não sentiu alegria alguma pelas gratas promessas feitas aos seus descendentes.

Pouco tempo depois, morreu Itep, com a alegria de ver a sua filha integrada numa família tão eminente e ao seu filho num posto tão relevante. Foi enterrado, ao modo antigo, numa formosa casa de eternidade. E três anos depois seguiu-o a esposa Mara. A predição de Ânpu também se cumpriu. Mas essa é outra história.

Quando Nofret acabou de contar aquela formosa narração, Djédi ergueu-se do leito e abraçou-se à mãe, sem dizer nada. Aquilo comoveu-me, mas permaneci em silêncio, a olhá-los. Após uns instantes, Nofret ajudou-o a deitar-se novamente, ajeitou o lençol e ficou ali, aos pés do leito, até que ele adormeceu. Os nossos olhares cruzaram-se. Nunca a vira tão bela como naquele instante.

O dia seguinte à festa semanal, ao regressar do meu trabalho no templo de Rá, Djédi saiu ao meu encontro, mal cruzei a cerca exterior da nossa casa. Parecia excitado, como acontecia nos dias em que aprendia de cor uma das sentenças de Imhotep e aguardava a minha chegada, para a recitar e receber os meus parabéns. Mas não era isso o que queria.

– Pai, a mamã disse-me que não se deve julgar ninguém pelas aparências, porque ela diz que as aparências enganam. Como é isto possível?

– Pois eu acho que a tua mãe tem muita razão, Djédi – respondi. – As pessoas maiores sabem isso por experiência.

– Talvez seja assim – admitiu. – Mas quando eu vejo o rei, com a coroa branca da Terra dos Juncos e a coroa vermelha da Terra dos Papiros, todos os que o vemos sabemos que ele é o rei. Um homem nobre nota-se pelas suas vestes e pelo seu modo de falar. E um camponês fala e veste como um camponês. Não é assim, pai?

– O que queria dizer a tua mãe é que deves olhar para lá das vestes e do modo de falar e ver o coração das pessoas. Para que o compreendas melhor, convido-te a vir comigo ao jardim e a darmos um passeio até às margens do grande rio.

O meu filho assentiu, a sorrir. Sempre gostava de passear comigo. Saímos de casa e caminhámos à sombra dos sicómoros e das palmeiras em direção ao embarcadouro. Ele pegou na minha mão e não a largou em nenhum momento. Um soldado fazia guarda junto a uma palmeira, saudando-nos ao passar de forma ritual.

Quando chegámos à margem, Djédi deteve-se bruscamente, lembrando os meus conselhos e receando que houvesse algum crocodilo escondido entre os juncos.

– Não tenhas medo, Djédi – tranquilizei-o. – Mas fazes bem em ter prudência, porque isso é sinal de inteligência. Espera aqui um momento.

Chamei o soldado e pedi-lhe que me ajudasse a verificar a zona. Os dois pegámos em paus e batemos com força entre os juncos e as altas plantas da flor do rei, fazendo do ruído na água, para mostrar que não havia crocodilos escondidos. Finalmente, Djédi ficou tranquilo.

– Apanha uma flor do rei – disse-lhe.

– Vou molhar-me, pai – respondeste. – E como o vou fazer? São demasiado altas para mim.

Tinhas razão. As grandes plantas, que se estendiam ao longo da margem, numa grande extensão, seguindo a linha do rio, tinham entre cinco e sete côvados de altura. Eram demasiado altas para ti.

– Não importa que te molhes, filho. Pega neste cutelo e poderás cortar uma.

Djédi entrou no rio, molhou os pés e cortou a primeira flor do rei que viu. Conseguiu arrastá-la até junto de mim. Depois sorriu e disse:

– Esta serve?

– Claro que serve, filho. Agora vais ver o que a tua mãe queria dizer com isso das aparências. Sabes por que chamamos a esta planta *flor do rei*?

Djédi disse que não, abanando a cabeça.

– Porque esta planta, que parece tão pouco importante e que cresce em grandes extensões nas margens do rio, guarda no seu interior um tesouro.

– É uma brincadeira, pai?

– Claro que não. Vamos pegar nessa planta e levá-la para casa.

Depois de retirar os ramos e as folhas, fiquei apenas com o caule lenhoso. Depois, dirigimo-nos novamente para nossa casa. Ao chegar, reparei que Nofret tinha saído para o exterior. Ítu brincava com um gatinho perto dela, enquanto segurava Mereret no colo.

– O que vão fazer com essa planta? – perguntou.

– Pois isso faz parte da nossa explicação de hoje, querida – respondi. – Como disseste ao menino que as aparências enganam, decidi mostrar-lhe que tens razão. Vou ensiná-lo a fazer papiro, para que veja que com certeza as aparências realmente enganam e que algo tão simples como esta planta pode esconder no seu interior um verdadeiro tesouro.

Nofret riu com entusiasmo.

– Lembra-te, querido, de que há muitas fases para fazermos papiro. E com uma única planta não se conseguem obter as fitas necessárias para fabricar um rolo.

– Vou levar o menino à Oficina Real para que veja como os papiros são fabricados. Importaste?

– Faz como quiseses. Mas lembra-te de que amanhã temos de assistir a uma audiência com os teus irmãos e de que o menino deve estar deitado a uma hora prudente. Não querias que Ítu viesse connosco?

– Tens razão, Nofret. Tinha-me esquecido. Mas regressaremos antes do pôr do sol. Prometemos, não é verdade, Djedi?

– Claro pai. Mas Ítu não vem connosco? Tenho a certeza de que ia gostar...

– Prefiro que fique. É demasiado pequeno. Quando crescer, iremos os três mostrar-lhe como se faz papiro. De acordo?

Djedi conformou-se com a minha decisão. Então, entrámos em casa e fomos procurar Inéni, o supervisor encarregado dos assuntos da minha casa, que, quando nos viu chegar, ajoelhou-se e, erguendo a mão, cumprimentou-me.

– Preciso que nos leves à oficina de fabrico dos papiros. Quero levar o menino a passear... Seria possível?

– Claro, meu senhor. Imediatamente.

Aguardámos apenas alguns momentos a que trouxesse a liteira, com seis carregadores. Subi com o meu filho, colocando-me detrás dele, e Inéni acompanhou-nos, a caminhar ao nosso lado.

Ao sairmos da quinta, situada mesmo em frente da estrada que ligava à zona de construção da pirâmide, que ficara sob a direção do meu irmão Nefermaat, seguimos para norte. A grande muralha branca brilhava sob o sol, protegendo a cidade. Cruzámos a ponte que atravessava o canal principal, pelo qual eram transportadas as pedras em faluas, e aproximámo-nos à Oficina Real. Deixámos à esquerda o templo de Ptah e encaminhamo-nos para a margem do rio.

Foi um agradável passeio de apenas meio *itéru*. Não tivemos que ultrapassar a muralha norte, porque a Oficina Real ficava dentro dela, bem protegida. Sempre admiro o trabalho que os nossos antepassados realizaram para construir aquela grande cerca. Dali podíamos observar, ao longe, no meio das areias do deserto, a estrutura monumental da sagrada pirâmide do rei, que estava a ser construída sob a minha direção e a do meu irmão Nefermaat.

– Olha a pirâmide, meu filho – disse, apontando-lhe a grande estrutura da pirâmide real. – Como se vê bem daqui! Quando cresceres, eu próprio te levarei ao seu interior para te mostrar as câmaras secretas onde o teu avô será sepultado. Mas, para isso, deves fazer tudo o que se espera do meu primogénito. Talvez o próprio rei te conceda um cargo ao seu lado, no palácio ou nas obras que ele está a erguer na nossa terra, como mereces pela tua nobreza e inteligência. Mas, para isso, deves instruir-te bem comigo e com os teus mestres, sem faltar jamais aos teus deveres.

– Prometo fazê-lo, pai – sussurraste, enquanto te agarravas à liteira.

Sorri ao ver-te ali, ao meu lado, enquanto deixávamos para atrás as últimas casas da cidade. Já faltava pouco para chegarmos à grande oficina onde se fabrica o papiro.

Os carregadores manobram habilmente por entre algumas pessoas que ocupavam a bifurcação da estrada e entraram na zona reservada. Um soldado, que nos viu chegar, cumprimentou-nos ao passarmos por ele.

Ao chegarmos, um dos trabalhadores veio ao nosso encontro. Rapidamente, expliquei-lhe o motivo da nossa presença ali.

– Avise o diretor – ordenei. – Diga-lhe que o príncipe Rahotep está aqui e deseja falar com ele.

Enquanto aguardávamos, descemos da liteira e caminhamos pelo átrio da Oficina de Papiro. Inéni ficou do lado de fora, à espera das minhas ordens. Havia numerosos edifícios, todos térreos, alguns bastante compridos, construídos em tijolo e assentes sobre bases de pedra. Era a primeira vez que visitava aquele lugar, embora conhecesse perfeitamente a qualidade do trabalho ali realizado.

Nesse momento saiu um homem do interior da oficina. Quando me viu, cumprimentou-me segundo o ritual, ajoelhando-se e mostrando-me a palma da mão. Quando se ergueu, expliquei-lhe brevemente o motivo da nossa visita.

– Quero que o meu filho veja o processo de fabrico do papiro desde a etapa inicial até ao produto final – expliquei. – Poderia mostrar-lhe ao meu filho as diferentes fases pelo quais passa a flor de rei até se transformar num rolo de papiro?

– Às suas ordens, príncipe. Será um prazer.

Quando entrámos na primeira sala, observámos um amplo espaço aberto, onde se encontravam vários recipientes com flores de rei em remolho.

– A flor de rei recebe esse nome – disse o diretor, dirigindo-se ao meu filho – porque se trata de um monopólio real, como seguramente lhe terão contado, meu jovem senhor. Está terminantemente proibido colher a *flor de rei* sem autorização do rei, sendo esse delito severamente punido. Como pode ver nestes recipientes, os caules da flor de rei permanecem em remolho durante exatamente quinze dias. Temos aqui catorze recipientes e, todos os dias, assinalamos numa etiqueta o número de dias que cada lote leva em remolho, para não ultrapassarmos o tempo previsto. Quando se completa o décimo quinto dia, retirámos os caules e passamos à seguinte sala.

Djédi observava com muito interesse tudo o que o rodeava, reparando em cada objeto e em cada coisa. Pegou num dos caules e fez algumas perguntas ao diretor da Oficina de Papiro, que este respondeu brevemente. Este pareceu surpreso com a inteligência demonstrada por um menino tão novo.

– Passemos à seguinte sala, meu príncipe – sugeriu.

Era uma sala tão grande como a anterior, mas nela estavam a trabalhar várias pessoas. Em concreto contámos seis operários, que pareciam muito atarefados. Os dois primeiros iam pegando nos caules da flor de rei, tirando-lhe a dura casca e cortando o miolo de cor branca em fitas muito finas com um cutelo de bronze extremamente afiado.

– Este é um processo difícil, que exige muita habilidade – explicou o diretor da Oficina. – A espessura de cada fita deve ser quase idêntica, para que o resultado seja perfeito.

Djédi permaneceu algum tempo a observar o trabalho dos operários e a destreza com que o executavam.

– Queres experimentar? – perguntou-lhe o diretor. – Vá, deixem-no tentar um momento.

Um daqueles homens cedeu o seu lugar a Djédi e entregou-lhe o afiado cutelo que tinha na mão. O meu filho fez um corte bastante preciso e limpo no caule do papiro. Não o fez nada mal para uma primeira tentativa. Depois cortou mais algumas tiras.

– Muito bem! – exclamou o diretor. – Excelente.

A mim também me pareceu uma boa tentativa. Obviamente, não tinha a precisão dos dois trabalhadores que realizavam aquele trabalho há anos, mas nenhum menino da sua idade poderia ter feito melhor.

– O que acontece depois? – perguntou o meu filho.

– Venham por aqui – disse o diretor.

Por uma porta lateral saímos para o exterior. Havia um pátio pavimentado com lajes de pedra e uma espécie de mesas de secagem, semelhantes a altares de oferendas. Sobre elas não havia flores nem frutos, mas uma grande quantidade de tiras de papiro semelhantes às que acabávamos de ver na sala anterior.

– Esta esplanada é utilizada para secar as tiras de papiro. Aproveitamos para isso o calor do sol, que num único dia sem nuvens consegue eliminar toda a humidade. Como podem verificar, neste momento estão praticamente secas.

Enquanto falava, Djédi e eu aproveitámos para tocar em algumas das tiras. Efetivamente, estavam totalmente secas.

– Duas horas antes do pôr do sol – continuou – recolheremos as tiras e levá-las-emos para o pavilhão seguinte, onde se inicia a etapa seguinte do fabrico do papiro.

Entrámos numa sala que cheirava intensamente a vinagre. Havia uma série de tanques retangulares, muito compridos, onde estavam mergulhadas numerosas tiras de papiro, como as que tínhamos visto secar no exterior, num líquido com esse odor característico. Ali trabalhava um único operário, que movimentava cuidadosamente cada tira, virando-a regularmente.

– Neste local – explicou o diretor – as tiras de papiro que acabaram de secar, voltam a ser mergulhadas numa solução de água e vinagre. Mantemo-las aí durante mais seis dias, antes de as retirarmos. Como podem ver, existem seis tanques. Todos os dias enchemos um deles com a produção do dia anterior e, ao fim de seis dias, retiramos novamente as tiras e colocamo-las a secar ao sol.

– E porque fazem isso, senhor diretor, se elas já estavam secas? – perguntou Djédi.

– É uma excelente pergunta – respondeu. – Fazemo-lo para eliminar os resíduos de açúcar que permanecem nas fibras e que poderiam afetar a tinta utilizada nos

rolos. Agora – continuou – veremos a seguinte fase, antes de passarmos ao processo final de fabrico de um rolo.

O diretor atravessou connosco todo o comprimento daquela sala e saiu novamente para o exterior por uma porta situada no lado oposto. Lá fora havia outra esplanada revestida com lajes de calcário. Mais uma vez, viam-se as mesmas plataformas onde as tiras de papiro eram colocadas para secar.

– Depois de concluídos os seis dias de imersão na solução de vinagre, as tiras estão prontas para a secagem final e para a fabricação das folhas de tamanho normalizado – explicou o diretor. – Estas tiras são colocadas aqui, nos dias de calor, pouco depois do nascer do sol e retiradas apenas quando estão completamente secas, cerca de duas horas antes do ocaso.

» E agora, como aqui já não há muito para observar, convido-vos a passar à sala seguinte, onde o trabalho realizado durante tantos dias começa finalmente a produzir resultados visíveis.»

Passámos com o diretor para a seguinte secção daquela grande oficina que nos estava a mostrar. Ao entrarmos, vimos dois operários sentados diante de mesas de madeira, dispondo as tiras de papiro de modo entrelaçado, como numa cesta, formando fileiras horizontais e verticais.

Tinham uma grande pilha de tiras diante deles e, ao lado, rematado o processo, outra de folhas já concluídas.

– Quer experimentar, meu jovem senhor? – perguntou o diretor a Djédi.

O meu filho respondeu afirmativamente e foi sentar-se junto dos operários, que lhe abriram espaço entre eles. Assim começou a compor, da melhor forma que conseguiu, uma das folhas de papiro. Naturalmente, demorou muito mais tempo do que eles. Fez-me sorrir vê-lo tão concentrado naquele trabalho. Os operários também acharam graça e até o ajudaram de vez em quando ou lhe deram conselhos para concluir a sua folha. O resultado quase era aceitável.

– Mais uma vez, muito bem! – exclamou o diretor.

– E agora, o que se faz? – perguntou Djédi, entusiasmado com aquele trabalho manual.

– Passemos à sala de prensagem – respondeu o diretor. – Como poderão verificar com os seus próprios olhos, esta é uma das etapas mais delicadas de todo o processo.

Aquela zona era, de longe, a mais extensa de todas as que tínhamos visto. A única semelhança com as anteriores era a sua forma retangular.

– Esta é a sala de prensagem – comentou o diretor.

Viam-se longas fileiras de blocos de calcário colocados sobre bancadas contínuas de madeira. As bancadas tocavam-se umas às outras, formando uma sequência quase ininterrupta.

– As folhas, depois de concluídas, devem ser unidas para formar os rolos. O processo é simples. Colam-se sucessivamente muitas folhas até se obter um rolo com a extensão desejada. Como podem ver, há rolos de vários comprimentos, entre dez e

quarenta côvados. Normalmente fabricamo-los nessas medidas, mas podemos produzir exemplares ainda mais extensos, caso nos sejam encomendados. Por exemplo, estes que veem aqui destinam-se aos arquivos do palácio real.

Em seguida levou-nos a uma zona onde não havia blocos de pedra, para nos mostrar o processo.

Um dos operários estava a preparar um rolo de vinte côvados. Sobre um tecido de algodão colocava cada folha, unindo-a à anterior e à seguinte com cola. Atrás dele, outro trabalhador cobria o conjunto com uma segunda camada de tecido. Quando terminaram, todo o rolo estava envolvido por aquele revestimento de algodão.

Por fim, os operários colocaram sobre o rolo estendido grandes blocos quadrados de calcário, iniciando o processo de prensagem.

– Agora – explicou o diretor –, os rolos permanecerão assim durante seis dias. Quando esse período terminar, as folhas estarão tão solidamente unidas que já não será possível separá-las sem danificar o rolo.

– É esta a fase final? – perguntou Djédi.

– Não, ainda não. Falta visitar a última sala para verem o resultado final. Senhores, acompanhem-me!

Passámos à última sala daquele conjunto de edifícios que constituía a Oficina Real de Papiro. Embora já conhecesse bem o processo de fabrico, fiquei impressionado com o grau de organização existente.

A última sala era bastante diferente das anteriores. Havia uma grande estante na parede do fundo, onde numerosos rolos eram guardados em compartimentos semelhantes aos favos de uma colmeia.

– Aqui estão os rolos prontos para serem enviados aos compradores.

Também ali havia várias mesas compridas ocupadas por diferentes trabalhadores. Um deles utilizava um alisador sobre o papiro acabado para obter uma superfície perfeitamente lisa, sobre a qual a pena pudesse deslizar com suavidade. Outro dos trabalhadores usava um raspador para eliminar pequenas imperfeições.

Observámos um dos operários concluir o processo. Tinha na mão duas varas de marfim, que fixou às extremidades de um rolo, com fios resistentes. Depois começou a enrolar cuidadosamente o papiro, até este ficar completamente enrolado numa das varas. A outra das varas foi ligada por uma pequena faixa de papiro e também foi presa com fios.

O rolo, já terminado, foi colocado numa caixa de marfim feita à sua medida. Na tampa havia uma inscrição em tinta negra que contrastava elegantemente com a cor do marfim. A bela caligrafia hieroglífica dizia o seguinte:

Sneferu Nebmaat, amado de Ptah, senhor dos Dois Reinos.

– Olha, Djédi, é um rolo destinado à Casa do Rei. O meu filho leu em alto a inscrição e sorriu para mim.

– Existem muitos tipos de rolos de papiro, mas os que nós fabricamos são da mais elevada qualidade, tanto na realização, como no acabamento – comentou o

diretor. – Este papiro, se for bem conservado, durará séculos. As inscrições e as caixas destinadas a acondicionar o produto acabado não são feitas por nós, mas por artesãos especializados a quem as encomendamos. Há pouco tivemos de produzir uma caixa inteiramente em ouro para o grande Sneferu, senhor dos Dois Reinos. Era uma verdadeira obra de arte. Infelizmente, não temos aqui nenhuma semelhante. Era parecida com esta de marfim, mas feita de ouro.

– Agora já sabes como se fabricam os papiros em que escreves. Verdade, Djédi?
– disse eu. – Imaginavas que fosse um processo tão complexo?

Djédi não respondeu. Limitou-se a acenar afirmativamente.

– Ficamos muito gratos por nos ter mostrado todo o processo, senhor diretor – disse eu. – Agora, se nos pudesse acompanhar à porta...

– Com todo o gosto – respondeu este. – Mas antes quero oferecer um presente ao seu filho, meu príncipe.

Pegou numa caixa de madeira de cedro que continha um rolo de papiro digno de um nobre da Casa do Rei. O diretor ofereceu-o a Djédi, que ficou muito contente e agradeceu várias vezes. O diretor pareceu satisfeito com a reação do rapaz e com aquelas amáveis palavras.

– Venham comigo, meus senhores. Regressemos à entrada.

Enquanto refazíamos o caminho, ele continuou a falar sobre o papiro. Explicou a Djédi os diferentes tipos que ali se fabricavam, mas eu estava a pensar no trabalho na pirâmide que nos aguardava nas próximas semanas e não prestei grande atenção.

Já não entrámos em mais salas, porque o diretor conduziu-nos por um caminho que contornava os edifícios, sempre ao ar livre. Caminhámos sob um grupo de sicó-moros e várias palmeiras. Aos seus pés estendiam-se zonas relvadas, que tornavam o local muito agradável à vista. Em alguns pontos, não ocultos pelas construções, podia avistar-se o rio, com numerosas faluas de velas brancas a subir e a descer as águas.

Ao chegarmos à porta de entrada, observámos que acabava de chegar um carro de bois carregado com numerosos feixes de flor de rei, atados com cordas. Um dos trabalhadores conversava com o homem que trouxera a carga.

– Ah, já chegou o carro. Estava à espera dele – comentou o diretor. – Meu príncipe, se me dá licença, tenho de regressar às minhas obrigações...

– Naturalmente – respondi.

Despedimo-nos, trocando algumas palavras amáveis. Antes de ir partir, porém, o diretor voltou a felicitar Djédi pela atenção que dedicara a tudo e pela forma como interagira com os operários. Djédi limitou-se a sorrir.

Enquanto o diretor falava com o homem do carro de bois, nós dirigimo-nos para a nossa liteira. Inéni aproximou-se ao ver-nos chegar.

– Correu tudo bem, meu senhor? – perguntou.

– O menino gostou muito. Agora é hora de regressarmos – acrescentei. – Amanhã temos uma cerimónia no palácio e os rapazes devem deitar-se cedo. — Gostaste de tudo, Djédi?

– Sim, pai, gostei muito. E nos outros países, como fazem para escrever? – perguntaste inesperadamente. – Utilizam também estes rolos de papiro?

– O problema é que a flor do rei cresce apenas em determinadas regiões – expliquei. – Nos lugares onde a planta não existe, utilizam tabuinhas de barro, porque, quando o barro está húmido, pode escrever-se facilmente sobre ele, mas depois, ao secar, o que foi escrito permanece inalterado.

Djédi não respondeu. Estava a refletir sobre aqui que eu lhe dissera.

– Lembras-te da razão por que te trouxe aqui? – insisti.

– Claro, pai – respondeste. – Foi para me ensinares que as aparências enganam...

– E ficou-te clara a lição?

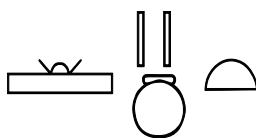
– Muito clara – disseste. – Dentro do caule da flor do rei, que à primeira vista parece uma planta pouco interessante, esconde-se um verdadeiro tesouro.

– Essa era a lição que devias aprender hoje, Djédi. Voltamos para casa?

– Sim, pai.

Subimos para a liteira e iniciámos o regresso. Ainda faltava bastante tempo para o pôr do sol. Os carregadores caminhavam com cuidado. Na estrada cruzámo-nos com muitas pessoas que entravam ou saíam da cidade. Alguns levavam cestos com produtos do campo ou animais para vender ou trocar por produtos manufaturados, mas botavam-se a um lado para nos deixar passar.

Naquele momento, várias faluas desciam o rio levadas pela corrente, enquanto duas o remontavam, com as velas enfunadas pelo vento. Djédi mantinha-se firmemente agarrado a uma das hastes da liteira, mas eu colocara-me detrás dele para o proteger de qualquer pequeno acidente. Durante toda a viagem de regresso, Djédi não parou de falar. Eu, porém, não conseguia deixar de pensar no trabalho que nos aguardava na pirâmide e em tudo o que teria de fazer nas semanas seguintes... Ainda faltava tanto para concluirmos a obra!



ROLO SEGUNDO

No dia de hoje, décimo sexto ano de reinado do rei Nebmaat Sneferu, terceiro mês da estação de *peret*, segunda semana, dia doze, começo a escrever este segundo rolo dos meus *Ensinamentos*. Que Rá me proteja!

É um dia importante para mim, pois recebi uma mensagem quando estava a trabalhar no exterior da pirâmide meridional de Sneferu. Um dos ajudantes do escultor Chuma veio ter comigo, que me avisou de que as duas esculturas que lhe encomendei para a minha sepultura estavam prontas para serem colocadas na minha Casa da Eternidade. Fiquei emocionado, porque o desenho que Chuma me mostrara havia dois anos correspondia plenamente às minhas melhores expectativas. Terá conseguido a sua mão experiente captar a essência das nossas figuras num bloco de pedra, como fez com as estátuas do meu irmão Nefermaat e da sua esposa Itet?

Como estava obrigado a deixar durante alguns dias o trabalho para me deslocar a Mertum, fui falar com o meu irmão mais velho, Nefermaat, *cháti* do rei, portador do selo real e profeta de Bastet, que é aqui, tal como o era ali, o diretor de todas as obras no complexo. Quando o informei de que as esculturas que encomendara estavam concluídas, alegrou-se por mim, porque sabia que eu estava muito impaciente por colocar aquelas estátuas na que viria a ser a minha tumba.

– Preciso de abandonar o trabalho na pirâmide durante uns dias – comuniquei ao meu irmão – para me deslocar a Mertum. Ali arranjarei alguns operários para transportar as estátuas da oficina de Chuma até à minha tumba.

– Vais ir sozinho? – perguntou-me ele.

– Não o sei ainda – respondi. – Se Nofret quiser acompanhar-me, para ver como ficou a sua estátua, iremos todos juntos e passaremos alguns dias no nosso lar. Falarei esta noite com ela e decidiremos. Mas se ela não quiser vir comigo, porque ainda está a amamentar Sethtet, nossa filha mais nova, levarei pelo menos Djédi comigo.

– Pergunto-o – comentou ele – porque eu também preciso de viajar urgentemente para Mertum. O senhor do Duplo País quer fazer novos trabalhos no complexo funerário.

– Como? Outra vez?

– Parece que sim – acrescentou. – Falei ontem com ele. Pretende transformar a pirâmide de degraus numa pirâmide de faces lisas, como esta que estamos agora a construir aqui.

– Isso vai ser mais difícil do que começar uma pirâmide do início – comentei. – Não seria melhor centrarmo-nos nesta pirâmide e deixar aquela como está?

– Julgas que não lho disse? – retorquiu o meu irmão. – Falei esta manhã com ele. Insisti várias vezes, mas não quis discutir o assunto comigo. Talvez tu pudesses convencê-lo, ele sempre tem em conta as tuas palavras. A mim não me deu ouvidos. Limitou-se a ordenar-me que o levasse a cabo. Diz que eu sou o diretor da construção e que sou quem mais sabe o que foi feito ali em Mertum, porque acompanhei todas as fases construtivas. Portanto, irei a Mertum e cumprirei as ordens que me deu. No entanto, talvez tu ou Ranefer devais tomar conta dos trabalhos finais ali, enquanto eu regresso aqui para continuar com esta pirâmide.

Fiquei estranhado com aquele pedido, porque tínhamos trabalhado vários anos em Mertum, até que nos pareceu que o complexo estava perfeitamente concluído, primeiro com sete patamares e posteriormente com oito. O nosso modelo ali tinha sido o recinto funerário do rei Netjerkhet, que o grande Imhotep legou às gerações futuras tão perto de nós, na mesma zona desértica em frente de Inebu-Hedy, onde estamos a experimentar novas soluções arquitetónicas, sob a direção do meu irmão.

– Pois então, podemos ir juntos – disse eu. – Pensas levar a tua mulher ou algum dos teus filhos?

– Itet tem muito trabalho agora para poder viajar – indicou. – Talvez leve Hemíunu comigo.

Hemíunu era o filho primogénito de Nefermaat e uma das pessoas mais promissoras da família. Seria, sem dúvida, um digno sucessor do seu pai. Nos dois últimos anos tinha trabalhado bastante no interior da pirâmide, comigo e com o seu pai. Aprendia com rapidez e era um jovem muito dotado para os cálculos matemáticos para calcular os ângulos de subida das pedras.

– Já é um rapaz experiente, na verdade... Não seria melhor que ele ficasse aqui para continuar com os trabalhos na pirâmide, enquanto nós estamos fora?

– Não – negou Nefermaat, com firmeza. – Não quero que cometa nenhum erro por inexperiência ou por precipitação, agora que estamos a erguer pedras tão pesadas... É melhor que os ajudantes continuem com o plano geral de trabalho para esta semana. Dir-lhes-ei que trabalhem durante estes dez dias na muralha exterior, onde, mesmo que cometessem algum erro, não seria irreparável, e que continuem a fiada de pedras que estamos a concluir, mas que não levem a cabo nenhum trabalho nos aposentos interiores. Ranefer ficará estes dias como diretor dos trabalhos.

– Esta noite falarei com a minha mulher para ver se quer vir connosco – acrescentei – Iremos de carro ou numa falua?

– Depende de quantos formos – respondeu. – Se a tua mulher e os teus filhos quiserem viajar connosco, então seria melhor irmos na minha falua, porque podemos dormir nela e não descer a terra quando a noite nos surpreender. Além disso, seria muito mais cómodo para Nofret e para as crianças. Se formos apenas os dois e os nossos filhos mais velhos, então podemos perfeitamente ir pela estrada real.

GLOSSÁRIO

Aapep ou Apep   . Trata-se da personificação egípcia do caos, oponente da luz e da *Maat* e conhecido como “Senhor do Caos”. Era representado como uma serpente gigante, imortal e poderosa, que tinha como função interromper o percurso noturno da barca solar conduzida por Rá e defendida por Seth, para evitar que esta alcançasse o novo dia.

Ábu  No egípcio antigo, a ilha de Ábu significa “elefante”, daí que em grego recebesse o nome de Elefantina. Foi a capital do *sepát* I do Alto Egito, Ta-Khentit, “a fronteira”. Teve grande importância desde os primeiros tempos da civilização egípcia, por estar próxima da primeira catarata, fronteira natural com a região de Wawat (Baixa Núbia). É possível que o nome venha da semelhança da ilha com um colmilho de elefante.

Aha. Segundo rei da Primeira Dinastia. O nome Hór-Aha (o lutador) é uma representação do nome de Hórus deste rei. O predecessor de Aha foi Narmer e o sucessor, Djer.

Akh . Aplica-se aos espíritos benéficos que se convertiam em estrelas reconhecíveis do firmamento. Um dos decanos recebia o nome de Akhuy, os dois espíritos.

 **Akhet**  . A estação da inundação, a primeira do calendário civil egípcio. Na época em que o calendário foi estabelecido, correspondia aproximadamente aos meses em que as águas cobriam o Egito, entre o fim de junho e outubro. Posteriormente, foi-se deslocando um dia a cada quatro anos, devido à inexistência do ano bissexto. As estações do ano civil e do ano trópico voltavam a coincidir após um período de uns 1460 anos. Ver também: *Peret*, *Sh mu*.

Akhet . O horizonte. Era uma das partes constituintes do cosmos egípcio e era o lugar por onde o sol saía cada manhã e se punha cada tarde. Aparece no nome de certas divindades, como Hor-em-akhet (Hórus no Horizonte) ou Re-Horakhty (Rá, o Hórus dos Dois Horizontes).

Amesh, cetro *amš*. É um cetro em forma de bastão ou maça, utilizado como insígnia real. Era um símbolo de poder soberano, ao mesmo tempo que estava dotado de poderes divinos. Utilizava-se especialmente nos cultos funerários.

Ammyt 

A “devoradora dos mortos” ou “devoradora de corações”. Ammyt situava-se sob a balança no Juízo de Osíris, celebrado na Duat, o além-túmulo. Dyehúthy (Toth) comparava o peso do coração do defunto (o *ib*), símbolo dos atos passados, da consciência e da moralidade, com a pena que representava a Maat, a Verdade, a Justiça e a Harmonia Universal. Para que o defunto pudesse ser considerado “justo de coração”, o *coração* e a *pena* deviam ser igualmente leves. Se o coração pesasse mais que a pena, era considerado impuro, Ammyt devorava-o e a pessoa julgada não podia entrar nos Campos de Íáru, perdendo a sua condição de imortal, morrendo então definitivamente.

Anúbis. Ver Ánpu.

Anuket 

Deusa da primeira catarata, paredra do deus Khnum. Supunha-se que Anuket e a deusa Satet controlavam a chegada da inundação.

Ánpu 

Ánpu ou Ínpu era o senhor da necrópole, a cidade dos mortos, situada na margem ocidental do Nilo. Segundo as crenças egípcias, era o encarregado de guiar o espírito dos mortos ao “outro mundo”, a Duat. Vigia o fiel da balança no Juízo de Osíris. O seu nome egípcio era Ánpu (Inpu, Ienpu, Imaut ou Imeut). Anúbis é o nome helenizado.

Árvores. As árvores mais usuais nos textos da época são as seguintes:

Acácia 

(*Acácia nilótica*). É uma pequena árvore com uma copa densa e esférica, que alcança entre os 5 e os 8 metros de altura. Dela podia obter-se goma, usada para colar. Tendo em conta a escassez de árvores das quais se pudesse obter madeira, as acácias forneciam madeira de boa qualidade, que era utilizada para fazer móveis, estátuas ou sarcófagos. Aproximadamente dois terços dos nomos do Egito consideravam-na uma das suas árvores sagradas, como se pode verificar na lista geográfica do templo de Edfu. Embora a deusa Sekhmet fosse chamada “Senhora das duas acácias”, está mais relacionada com Usir.

Alfarrobeira 

(*Ceratonia silicua*). Também conhecida como figueira-do-Egito.

Cedro do Líbano 

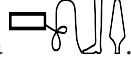
(*Cedrus libani*). É uma árvore resinosa, que pode alcançar os 50 metros de altura, que procede do Líbano. A cortiça é lisa e brilhante

até alcançar certa idade, formando-se então escamas de pequenas dimensões. O cedro foi utilizado pela sua madeira resistente na construção de móveis, sarcófagos ou embarcações. A sua resina era utilizada no processo de mumificação, como unguento. O cedro está fortemente relacionado com o mito osíriaco.

Ished  ou tamareira do deserto. É a árvore sagrada de Iúnu e de outros 16 dos 42 nomos do Egito. Esta árvore ocupa um lugar importante no mito da luta entre o deus Rá e a serpente Aapep (Apófis). Nesta cena, um gato armado com um grande cutelo, junto de uma tamareira do deserto, abate a serpente, cortando-lhe a cabeça para deixar passagem ao jovem deus da manhã.

Moringa  (*Moringa oleifera*). Árvore de cujas sementes se extrai óleo (também denominada acácia-branca). Ver Ished.

Palmeira dum  (*Hyphaene thebaica*). É um tipo de palmeira de vários troncos (estipes) e frutos ovalados e comestíveis. É originária do vale do Nilo, Egito, Sudão e zonas do noroeste da Quênia. A sua fibra e as suas folhas eram usadas no vale do Nilo para fazer todo o tipo de cestas. Era considerada sagrada, encontrando-se as suas sementes em numerosas tumbas de faraós. Na tumba de Tutankhamon foram encontradas oito cestas feitas com esta palmeira.

Persea .

Romázeira .

Salgueiro  (*Salix subserrata*). Era a árvore sagrada de Dendera, sexto nomo do Alto Egito, e de Cocodrilópolis, no Fayum. Está muito relacionada com a mitologia de Heliópolis (Iúnu), porque um dos epítetos da Ladainha dos doze nomes de Ra-Horakhty qualifica o deus solar como “Bénu divino que se pousa no topo do salgueiro”, o que não impede que seja identificado com o *ba* de Usir em numerosas cenas funerárias.

Sicómoro  (*Ficus sycomorus*). A presença do sicómoro (*nehet*, para os egípcios) remonta a tempos pré-dinásticos. A sua sombra era muito apreciada, num lugar tão quente como o Egito. Era cultivado pelo seu fruto, já que produz figos em grandes quantidades, embora de baixa qualidade. A sua madeira foi apro-

veitada para fazer móveis, amuletos e, sobretudo, sarcófagos, já que era muito resistente e de longa duração.

Considera-se que há dois sicómos na Porta Leste do céu, de onde Rá emerge a cada dia. Esse lugar era conhecido como a Ilha das Chamas. Ao sicômoro associa-se a deusa Hut-Hor (Hathor), como “Senhora do sicômoro do Sul” em Mênfis.

Tamareira  (*Phoenix dactylifera*). Esta árvore aparece na iconografia egípcia desde tempos pré-dinásticos. Apresenta um tronco único, que pode alcançar os 30 metros de altura e de 20 a 50 cm de diâmetro. Era muito valorizada pelo seu fruto, a tâmara. As folhas de palmeira estão presentes nas cerimônias de regeneração real mais importantes: o Heb Sed. Devido à sua resistência às altas temperaturas em lugares onde a água era escassa, simbolizou o triunfo da vida sobre a morte. O deus Heh aparece vinculado a esta árvore. Também se associou a outras divindades, como Nut, Hathor ou Ísis.

Tamarisco . É um arbusto que pode alcançar os oito metros de altura. Era conhecido como *iser* e estava associado ao deus Upuaut, embora Thot, Re e possivelmente Nemty tivessem alguma conexão com ele, talvez pelo tom vermelho das suas folhas e pelas suas qualidades refrescantes e purificadoras.

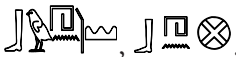
Aset/Auset/Ast/Isset  (em grego: Ísis). Foi cultuada como modelo de mãe e esposa ideais, protetora da natureza e da magia. Era a amiga dos escravos, pescadores, artesãos, assim como aquela que escutava as preces dos opulentos, das donzelas, aristocratas e governantes. Ísis é a deusa da maternidade e da fertilidade. Ísis também foi conhecida como a deusa da simplicidade, protetora dos mortos e deusa das crianças de quem “todos os começos” surgiram, e foi a senhora dos eventos mágicos e da natureza. Em mitos posteriores, os antigos egípcios passaram a acreditar que as cheias anuais do rio Nilo ocorriam por causa das suas lágrimas de tristeza pela morte do seu marido, Osíris. Esse evento, a morte de Osíris e o seu renascimento, foi revivido anualmente em rituais. Consequentemente, a adoração a Ísis estendeu-se a todas as partes do mundo greco-romano, perdurando até à supressão do paganismo na época cristã.

Barca. As mais importantes das barcas usadas pelos deuses são a barca *mandjet* , que se acreditava que navegava à vela pelo céu diurno, e a barca *mesketet* , arrastada durante a noite pelo mundo inferior, o que implica que tenha sido representada com muita mais assiduidade. Outra barca muito importante é a

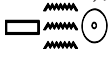
barca *neshemet* , na qual os defuntos aspiram a subir sem serem rejeitados, porque é a barca sagrada de Usir / Osíris.

Bastet . Na mitologia egípcia, Bastet, Bast, Ubasti ou Ba-en-Aset é uma divindade solar e deusa da fertilidade, além de protetora das mulheres grávidas. Também tinha o poder sobre os eclipses solares. A deusa está presente no panteão desde a época da II dinastia. Era representada como uma mulher com cabeça de gato, que tinha na mão o sistro, instrumento musical sagrado. Por vezes, tinha na orelha um grande brinco, bem como um colar e um cesto onde colocava as crias. Podia também ser representada como um simples gato. Por vezes é confundida com Sekhmet, adquirindo, neste caso, o aspeto feroz de leoa. Certa vez, Rá ordenou a Sekhmet que castigasse a humanidade por causa da sua desobediência. A deusa, que é representada com cabeça de leoa, executou a tarefa com tamanha fúria que o deus Rá precisou de a embriagar com vinho, pela cor parecida com a do sangue, para que ela não acabasse por exterminar toda a raça humana. O seu centro de culto estava na cidade de Bubástis (Per-Bastet em egípcio), na região oriental do delta do Nilo. Nos seus templos foram criados gatos que eram considerados como encarnações da deusa e que eram por essa razão tratados da melhor maneira possível. Quando estes animais morriam, eram mumificados, sendo enterrados em locais reservados para eles.

Benben . Na tradição de Iúnu, Benben foi o monte que surgiu a partir das águas primordiais do Nun e sobre o qual o deus criador Atum se assentou. A expressão “pedra benben” é usada, igualmente, para se referir à pedra que fica no topo de uma pirâmide ou de um obelisco.

Buhen . É um assentamento situado nas proximidades da segunda catarata, para defender a fronteira meridional do reino e para controlar a via comercial que ia pelo rio Nilo, do atual Sudão ao sul do Egito. Nas suas proximidades existiam minas de diorito, pedra muito estimada na escultura da IV dinastia.

Câmara da estátua. A Câmara da Estátua (como se conhecia no Império Antigo) é conhecida como *serdab* (*sirdab*) em árabe.

Calendário. O calendário egípcio dividia-se em três estações de quatro meses cada uma: Inundação ou  *akhet*, (fim do verão e outono); sementeira ou  *peret* (inverno e começo da primavera); colheita ou  *shému* (fins da primavera e começo do verão). Cada mês tinha trinta dias, sendo ao final de um ano de 12

meses que se estabeleciam cinco dias epagómenos, dedicados às cinco divindades principais. A semana egípcia era de dez dias.

O dia egípcio dividia-se em doze horas de luz e noutras doze horas de obscuridade. Como, durante as estações, o número de horas de dia e o número de horas de noite vão variando, também a duração de uma hora pode variar ao longo do ano. Ver. Akhet, Peret, Shému.

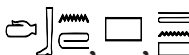
A **Casa para a Eternidade** (ou *pr-djt* em egípcio) é conhecida em árabe como *mas-taba* (com o significado de banco).

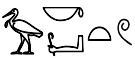
Cháti . O cháti é um título parecido com o de um vizir.

Coração. Ver: Ser humano.

Coroas. A coroa do Alto Egito (Terra do Junco) é a coroa *Hedjet* , sendo a do Baixo Egito (Terra do Papiro) a coroa *decheret* . A combinação das duas é a coroa *Pschent* . A coroa azul *khéprest* é a usada pelo rei quando vai à guerra .

Côvado. O côvado real  (*mahe*) media entre 523 e 525 mm, sendo subdividido em 7 palmos de 4 dedos cada um, num total de 28 subdivisões.

Deben . A unidade de peso fundamental do Egito era o *debén* (literalmente: anel de metal), que equivalia a 13,6 gramas durante o Império Antigo. Posteriormente, desde o Império Médio, dividia-se em dez *qedet*, de aproximadamente 9,1 gramas. O *debén*, normalmente, equivalia a uma determinada quantidade de gramas de cobre, embora o valor de alguns produtos pudesse aparecer em *debéns* de ouro ou prata. Durante grande parte da história do Egito, estimava-se que um *debén* de prata equivalia a cem *debén* de cobre.

Decanos . São 36 grupos de estrelas ou pequenas constelações que vão surgindo sucessivamente no horizonte oriental a cada rotação da Terra. O seu surgimento marcava o começo de cada uma das 12 horas em que se dividia a noite.

Dedun, ver Dedwen.

Dedwen  ou . Também aparece como Dédun, Dedún ou Deduén. Deus originário da Núbia. Traz o incenso purificador ao deus defunto e,

juntamente a outros deuses, ajuda na sua ascensão aos céus. Quase sempre aparece com o epíteto “aquele que preside na Núbia”. Foi representado como um homem jovem procedente do sul e como falcão.

Den ou Udimu foi um rei da I dinastia egípcia. O nome de Hórus (Hor) é Den “o que ataca”:  . O nome de Nesut-Bity pode ser Sepaty    ou Qenty   . Teria reinado cerca de 14 ou 20 anos, no século XXIX a.C. Filho de Djet, assumiu o trono ainda criança, tendo a regência sido assumida por sua mãe Merneith.

Djédu   . Capital do IX nomo do Baixo Egito.

Djer. Terceiro rei da I Dinastia egípcia, filho de Hor-Aha e pai de Djet. Nome de Hórus: Djer   “o que socorre”; nome de Nesut-Bity: Atéti,   .

Djet. Nome de Hórus: Dyet   “Serpente”; nome de Nesut-Bity: Ita,   . É o quarto rei da I dinastia egípcia. Julga-se ser filho do seu antecessor, o rei Djer, embora não esteja comprovada de forma conclusiva esta ligação. Maneton denominou-o Uenefes e atribuiu-lhe 23 anos de reinado. Ainda segundo Maneton, durante o reinado deste rei verificou-se uma grande fome no Egito e que Djet teria mandado construir pirâmides próximas de Kokome, localidade que foi identificada com Sakara. Contudo, não se conhecem pirâmides deste período; a primeira pirâmide que surgiu no Egito é habitualmente considerada como sendo a pirâmide do rei Djoser, da III dinastia. Sabe-se que este rei liderou uma expedição ao Mar Vermelho, possivelmente com o objetivo de explorar as minas do deserto arábico. No seu túmulo foi encontrada uma estela onde está gravado o nome do rei e que se encontra hoje no Museu do Louvre, sendo considerada como uma das mais belas expressões artísticas deste período. Esta estela deveria ser acompanhada por outra, sendo ambas colocadas no exterior do seu túmulo em Abido.

Duat       . A Duat (também conhecida como Aménti ou Necher-Khertet) era o além-túmulo da mitologia egípcia, o lugar onde se celebrava o juízo de Osíris e onde o espírito do defunto devia deambular, evitando seres malignos e outros perigos, segundo se narra no *Livro dos Mortos*, e passar por uma série de “portas” em diferentes etapas da viagem, descritas no *Livro das Portas*. Na Duat governava Osíris. Para os egípcios este lugar era onde Rá fazia a sua viagem na barca

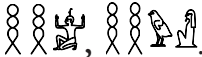
solar. Os *Textos das Pirâmides*, gravados durante o Império Antigo, denominavam-na Dat, mostrando-se como um mundo celeste situado sobre a Terra. Em cima da Dat encontrava-se o reino celeste de Rá, ao qual unicamente o faraó falecido poderia aceder. A Dat estava regida por Hórus, o deus falcão de natureza celestial. Anúbis (Anpu) é a divindade que preside aos espíritos dos homens, denominados Ocidentais nos *Textos das Pirâmides*, que após a sua morte iriam para este céu inferior. Nele estavam aqueles espíritos que ainda não eram totalmente puros. Era o lugar onde se situava a constelação de Orião. Os *Textos das Pirâmides* mostram a crença de que os mundos celestiais eram imensas massas de água nas quais haveria diversos lugares de purificação. Mais longe estariam o reino celeste de Rá e, ainda mais longe, as inescrutáveis profundezas do Nun. Quando as crenças evoluíram, Osíris passou a ser o senhor da Duat e foi, nessa época, que se teria situado essa região do além-túmulo, um céu inferior, localizado sob a Terra.

Dyehuthy . O nome do deus Thot é Dyehuthy em egípcio. Representa-se como um homem com cabeça de íbis, uma pena e a tábula de escriba celestial para anotar os pensamentos, palavras e atos dos homens e para pesá-los na sua balança. Levava o *ankh* numa das suas mãos. Thot era considerado o deus da sabedoria e tinha autoridade sobre todos os deuses. Foi o inventor da escrita, das palavras e da linguagem articulada. Era um deus medidor do tempo e que estabeleceu o primeiro calendário.

Geb. Veja-se Keb.

Hapy. Ver Hépu.

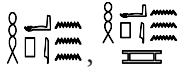
Hathor. Ver Hut-Thor.

Heh(u) . O deus Héh(u), também Huh, Hah, Hoh, Huah, Héhu, é a personificação da infinidade do espaço e do tempo. O seu ideograma exprime a ideia de “grande quantidade” e, mais concretamente, de um milhão.

Hehet . É a entidade feminina que representa a eternidade. Forma com Heh(u) um dos oito pares da ogdóade de Hermópolis (*Khemnu*).

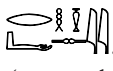
Heliópolis. Ver Iúnu.

Henen-Nesut ou Neny-Nesut . Capital do nomo XX do Alto Egito. A sua designação administrativa é Tef-Khent (Sicómoro do Sul). A denominação grega é Herakleopolis Magna. Em árabe recebe o nome de Ahnas el-Medinah. A divindade local é Herishef.

Hépu ou Hápy . Esposo de Nekhbet e deus do Nilo, cujas cheias regulava. Era portador de fertilidade e alimentava os deuses e os seres humanos. Recebia também o nome de Hap ou Hep e era representado como um homem com barba verde ou azul, seios de mulher e coroados com flores de loto. O centro de culto era a zona da primeira catarata.

Héru/Hor . Na mitologia egípcia, Hórus (ou *Heru-sa-Aset*, *Her'ur*, *Hrw*, *Hr* ou *Hor-Hekenu*) é o deus dos céus, muito embora a sua concepção tenha ocorrido após a morte de Osíris. Hórus era filho de Osíris. Tinha cabeça de falcão e os olhos representavam o Sol e a Lua. Matou Seth, tanto por vingança pela morte do pai, Osíris, como pela disputa do comando do Egito. Após derrotar Seth, tornou-se o rei dos vivos no Egito. Perdeu um olho a lutar com Seth, que foi substituído por um amuleto de serpente (que os faraós passaram a usar na frente das coroas), o olho de Hórus (anteriormente chamado de Olho de Rá, que simbolizava o poder real e foi um dos amuletos mais usados no Egito em todas as épocas). Depois da recuperação, Hórus pôde organizar novos combates que o levaram à vitória decisiva sobre Seth. O olho que Hórus feriu (o olho esquerdo) é o olho da Lua, o outro é o olho do Sol. Esta é uma explicação dos egípcios para as fases da Lua, que seria o olho ferido de Hórus.

5 Heryu Renpet . Os “cinco sobre o ano”. Este é o nome dado pelos egípcios aos cinco dias suplementares que se acrescentavam ao ano de 12 meses de 30 dias cada um, para completar o ano egípcio de 365 dias.

Hesire . Também conhecido como Hesy-Ra ou Hesira. Foi um oficial, médico (possivelmente o primeiro da história) que viveu durante a Terceira Dinastia, no reinado de Netjerkhet-Djoser e foi enterrado numa elaborada tumba de Sakkara. Tinha os títulos de Chefe dos Dentistas e dos Médicos e Chefe dos Escribas do rei.

Hetepheres. Rainha do Egito, mãe de Khúfu e esposa de Sneferu. Considera-se que foi filha de Huny, quinto e último rei da III dinastia e da sua esposa principal. Foi entregue a Sneferu para manter os direitos dinásticos. Sobreviveu a Sneferu e

foi enterrada na época de Khúfu. Não se encontra na sua tumba o título “Grande Esposa Real”, e por essa razão alguns egiptólogos consideram que não era a esposa principal do rei. A tumba foi encontrada em Guiza, na necrópole de Khufu, entre as pirâmides satélites e o caminho processional. Foi escavada por George Andrew Reisner, que lhe atribuiu a referência G7000X.

Húni. Nome de Hórus: Qa Hedyet , “Coroa Branca”; nome de Nesut-Bity:

Húni ,  “o atacante”. Foi o último rei da III dinastia. Talvez tenha reinado entre 2637 a 2613 a.C. Segundo o cânon de Turim, o seu reinado durou 24 anos. Se for o Kernefes citado por Maneton, reinou 26. Tornou-se rei já tardiamente. Esteve casado com Meresáni e teve dois filhos, Seneferu e Hetepheres. O nome de Húni foi encontrado em Meidum e ali foram enterrados os seus filhos Nefermaat e Rahotep. Isto poderia fazer supor que Huni foi o responsável por ter iniciado a pirâmide de Meidum, que Sneferu concluiu.

Hut-Hor . É o nome egípcio da deusa Hathor. Foi uma divindade cósmica, deusa nutrícia, deusa do amor, da alegria, da dança e das artes musicais. O seu nome significa “o templo de Hórus (Hor)” ou “a morada de Hórus”, para identificá-la como mãe do deus e, às vezes, a sua esposa.

Hathor é representada como uma deusa vaca com cornos que sustentam um disco solar com *uraeus*. Noutras representações é apenas uma mulher com orelhas de vaca. Era considerada filha de Rá, Olho de Rá e esposa do deus Hórus (Hor).

Iah (Yah ou Aah) . É o deus da Lua no Antigo Egito. O seu nome significa simplesmente Lua. Aparece no Império Antigo, nos *Textos das Pirâmides*. No Império Médio, converteu-se numa divindade lunar menor, em comparação com outros deuses lunares como Khonsu e Dyehuthy.

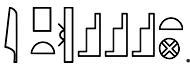
Ib. Ver Ser humano.

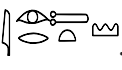
Ikhemu seku . Literalmente, “as que não conhecem a destruição”. Termo aplicado a um conjunto de estrelas que os egiptólogos denominaram “imperecíveis”. Aparecem mencionadas frequentemente nos *Textos das Pirâmides* como um dos destinos favoritos do rei defunto. Normalmente são identificadas como as estrelas circumpolares, que, ao não se porem nem nascerem nunca, podiam ser interpretadas como estrelas que nunca nasciam nem morriam, isto é, eram eternas.

Imhotep . Foi *cháti* (vizir) do rei Netjerkhet Dyaser e desenhou a pirâmide escalonada de Saqqara. O significado do seu nome seria “O que vem em paz”. Além de arquiteto, considera-se tradicionalmente o primeiro cientista da história. Posteriormente foi deificado. Admite-se que escreveu um livro que reunia os seus ensinamentos.

Inébu-Hédy . A cidade da Muralha Branca é a antiga Mênfis, chamada Inébu-Hédy durante o Império Antigo, capital do primeiro nomo do Baixo Egito.

Inheret, , ,  ou “aquele que nos trouxe de volta a deusa distante”, também escrito Anhur, Onouris, An-Her, Anhuret, Han-Her, Inheret. Era originalmente um deus da guerra que era adorado na região egípcia de Abido, e particularmente em Tinis. Os mitos dizem que trouxe a sua esposa, Menhit, que era sua contraparte feminina, da Núbia. Tinha o título de “Destruidor dos inimigos” e era o patrono do exército egípcio.

Ipet-Sut . É o nome que se dava à cidade de Karnak. Significa “o lugar mais venerado”.

Irtkhet . Região da Baixa Núbia, situada possivelmente entre a primeira e a segunda cataratas.

Ísis. Ver Auset.

Itému . É identificado como o sol poente e como o sol que se dirige às entranhas da Terra, para renascer logo ao amanhecer. Criou a Enéade de Iúnu, composta pelos seus primeiros descendentes. Criou os seus filhos Shu e Tefnut, os deuses gémeos ou leões. Os animais que tinha associados eram o leão, o touro, o lagarto, o mangusto e a serpe. Como serpente representa o conceito do “fim do Universo”; ao fim dos tempos apenas Atum e Osíris sobreviverão às águas de Nun, que envolverão toda a Terra, assumindo ele a forma de serpentes. É representado como um homem que porta a dupla coroa, ou como um homem velho com barba; às vezes é uma figura masculina com cabeça de mangusto; também aparece como homem e serpente. O seu nome significa “o Tudo” ou “O perfeito”.

Itéru . Unidade egípcia de comprimento, que equivale a 10.500 metros.



Ângelo Brea (Santiago de Compostela, 1968). É licenciado em Filologia Hispânica pela Universidade de Santiago e em Filologia Galego-Portuguesa pela Universidade da Corunha. Foi bolseiro do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, onde realizou, em Lisboa, o Curso Superior de Estudos Portugueses.

Realizou estudos de doutoramento sobre «Teoria da Literatura e Literatura Comparada» e apresentou a sua memória de licenciatura sobre «Os descordos galego-portugueses. Análise comparativa com os seus homólogos provençais e franceses». Trabalha como professor titular de Língua e Literatura Galega e de Língua Portuguesa no Liceu de Bertamirães (Ames). Foi secretário das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal e coordenador de vários congressos internacionais sobre literaturas lusófonas e sobre a língua portuguesa no mundo. É membro da Academia Galega da Língua Portuguesa.

A sua obra literária começou com o breve poemário *Livro do caminho* (1989). Além disso, está presente nas antologias *Mátria da Palavra* e *Antologia da Poesia Lusófona*.

Foi coautor da obra teatral *Eva Perón*, vencedora do Prémio Compostela de Teatro em 1995. O seu seguinte poemário, intitulado *O país dos nevoeiros* (Espiral Maior, 2005), reúne 91 poemas, sendo esse número uma homenagem ao também escritor galego Eduardo Pondal.

A sua obra em prosa começou com a publicação dos contos «Eu levei a cruz da Santa Companhia» (revista *Nós*, n.os 41–50) e «Uma história de bruxas» (revista *Nós*, n.os 51–58).

Em dezembro de 2014, publicou *Lembranças da Terra & outras histórias de um futuro possível*. Trata-se de um livro de 16 relatos de ficção científica. Um desses contos, «As grandes vantagens da neolíngua», inspirou a antologia *A voz dos mundos. Contos de Ficção Científica* (Editorial Mondrongo, Ilhéus, Baía, Brasil, e Através Editora, Santiago de Compostela, Galiza), com autores galegos, portugueses e brasileiros.

Em 2019, publicou o livro *Tempo de Eclipses*, que é uma compilação de toda a sua obra poética. Acompanha a edição um amplo glossário e dois artigos sobre métrica. O primeiro (pp. 271–283) estuda o verso clássico por excelência, o hexâmetro, e explica o processo de adaptação deste verso à língua portuguesa, seguindo os modelos de outras línguas de cultura.

Um segundo artigo, intitulado «Da sextina aos quadrados mágicos: esquemas métricos com base matemática», mostra a grande novidade de criar esquemas métricos regularizados baseados nos quadrados mágicos.

O autor colabora habitualmente com a página <https://contosdeterror.site>, onde foram publicados alguns dos seus relatos de mistério e de terror.

Em 2022, apareceu o livro *Nos vales do Mártir e outros relatos*, que reúne 17 relatos de ficção científica. Em 2025, ganhou o Prémio da Cátedra Carvalho Calero da Universidade de Santiago com a obra *Ensinamentos de Rahotep*.